

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE -
MESTRADO E DOUTORADO**

CAMILA CARVALHO DE MELO

**CAMINHADA NOTURNA DO TURISMO
*TRAMAS SUBJETIVAS E COMUNICACIONAIS NO PROCESSO DE
DESTERRITORIALIZAÇÃO***

CAXIAS DO SUL

2018

CAMILA CARVALHO DE MELO

CAMINHADA NOTURNA DO TURISMO
TRAMAS SUBJETIVAS E COMUNICACIONAIS NO PROCESSO DE
DESTERRITORIALIZAÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Turismo e Hospitalidade, no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade - Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

Linha de pesquisa: Turismo, cultura e educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Luiza Cardinale Baptista.

CAXIAS DO SUL

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

M528c Melo, Camila Carvalho de

Caminhada noturna do turismo : tramas subjetivas e
comunicacionais no processo de desterritorialização / Camila Carvalho
de Melo. – 2018.

99 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2018.

Orientação: Maria Luiza Cardinale Baptista.

1. Turismo. 2. Comunicação. 3. Subjetividade. I. Baptista, Maria Luiza
Cardinale, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.48

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

CAMILA CARVALHO DE MELO

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade.

Linha de pesquisa: Turismo, cultura e educação.

Aprovada em: 28 /09 /2018

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Luiza Cardinale Baptista (Orientadora)

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Profª Drª Luciene Jung de Campos

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Profº Jakson Renner Rodrigues Soares

Universidade de Santiago de Compostela (USC)

CAXIAS DO SUL

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço meus pais, Inês e Paulo, que me ensinaram e continuam ensinando o sentido do amor, em suas diversas faces. Ao Fábio, Ana Caroline, Adriane, Eva, William e Guilherme, que dão sentido e gosto ao viver em família; às minhas parceiras de vida Carol, Ana e Chai, que não titubearam em me ouvir, me apoiar e me dar forças para não desistir. Por fim, a minha eterna gratidão, também, à minha orientadora, Maria Luiza, companheira de tantas horas, que soube me guiar quando eu não enxergava mais nada. Ao Amorcomtur! e a todos: espero seguirmos, juntos, espalhando '*amoramizade*' por onde passarmos!

Se a vida dependesse do
nosso saber consciente, há
muito ela teria desaparecido.
Todas as coisas vivas sabem
sem saber. Sabe a aranha
tecer sua teia sem ter
aprendido.

Rubem Bento Alves
Variações sobre o Prazer

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo geral identificar sinalizadores subjetivos e comunicacionais, no processo de desterritorialização de um grupo de sujeitos, verificando as suas contribuições para o Turismo. Vincula-se ao Amorcomtur! – Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese!, e também aos projetos “Trama AMORCOMTUR! Complexos processos comunicacionais e subjetivos, que potencializam o Turismo, considerados sobre o viés da amorosidade e autopoiese”, e “Ecossistemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos: Sinalizadores Teórico-Methodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica”, desenvolvido na graduação em Comunicação Social e no mestrado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (Brasil), Programa de Pós-Graduação. A estratégia metodológica utilizada é a Cartografia de Saberes, proposta por Baptista (2014), considerando uma lógica de pesquisa complexa-ecossistêmica. Destaca-se, neste caso, a realização de aproximações e ações investigativas durante o desenvolvimento da pesquisa. No que se refere às aproximações, podem ser ressaltados os resgates de saberes pessoais, registro de conversas em diário de pesquisa, levantamento bibliográfico e roda de conversa com o grupo pesquisado. Em relação às Ações investigativas, ocorreu a observação participante e sistemática da Trilha Noturna de Criúva; roda de conversa com participantes do Amorcomtur!; produção de relatos sobre a observação e realização de quadros-síntese. Como resultados, observa-se que os sinalizadores subjetivos e comunicacionais identificados no processo de desterritorialização orientam para uma prática turística que considera os sujeitos em suas singularidades. Com isso, entende-se que desafio da chegada, o medo de se perder, o reconhecimento do local, a singularidade da comunicação, a presença da comunicação-trama, amorosidade e os vínculos afetivos, configuram uma matriz de sinalizadores subjetivos e comunicacionais presente no processo de deslocamento dos sujeitos, que pode ajudar a refletir sobre práticas turísticas coerentes com cada momento.

Palavras-chave: Turismo. Desterritorialização. Comunicação-Trama. Subjetividade.

ABSTRACT

This master thesis aims to identify subjective and communicational indicators in the process of deterritorialization of a group of individuals, verifying their contributions to Tourism. Link to Amorcomtur! - Group of Studies in Communication, Tourism, Amorosity and Autopoiesis!, and also to the projects "Plot AMORCOMTUR! Complex communication and subjective processes, which potentiate Tourism, considered on the bias of amorousness and autopoiesis, and "Tourist-Communication-Subjective Ecosystems: Theoretical-Methodological Flags, in the study of tourist-communicational-subjective ecosystems, considered from their Ecosystemic, Chaosmotic and Autopoietic Characteristics", developed at the University of Caxias do Sul (Brazil), Graduate Program in Social Communication and Masters in Tourism and Hospitality, University of Caxias do Sul, Brazil. The methodological strategy used is the Cartography of Knowledge, proposed by Baptista (2014), considering a logic of complex-ecosystemic research. In this case, it is important to carry out approximations and investigative actions during the development of the research. With regard to the approximations, the rescues of personal knowledge, record of conversations in a research diary, bibliographical survey and conversation with the group researched can be highlighted. In relation to investigative actions, there was a participant and systematic observation of the Criúva Night Track; conversation wheel with participants from Amorcomtur !; production of reports on the observation and realization of synthesis tables. As results, it is observed that the subjective and communicational flags identified in the process of deterritorialization orient to a tourist practice that considers the subjects in their singularities. This means that the challenge of arrival, the fear of being lost, the recognition of the place, the singularity of communication, the presence of communication-plot, amorousness and affective bonds, constitute an array of subjective and communicational flags present in the process of displacement of the subjects, which can help to reflect on tourist practices consistent with each moment.

Keywords: Tourism. Desterritorialization. Communication-Plot. Subjectivity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Qual é a sua viagem-desejo?	31
Quadro 2 - Preparação/Como ficou sabendo da Caminhada	77
Quadro 3 - Acionamentos da Trilha	79
Quadro 4 - Impressões da Trilha	83
Quadro 5 - Sinalizadores Subjetivos e Comunicacionais	85

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Especificações Demográficas – Rio Grande do Sul - Caxias do Sul/Criúva	35
Figura 2 - Árvore Criúva, que dá nome ao distrito	36
Figura 3 - Cânion dos Palanquinhos – Criúva, RS	36
Figura 4 - Pórtico da Cidade	37
Figura 5 - Igreja de Criúva	39
Figura 6 - Sequência implícita da vinculação entre as regiões emissoras-receptoras	55

CAMILA CARVALHO DE MELO



SUMÁRIO

1 ESTREMECIMENTOS INICIAIS	13
2 SIMULAÇÃO DOS CAMINHOS: CARTOGRAFIA DOS SABERES	21
2.1 SABERES PESSOAIS E DIMENSÃO INTUITIVA.....	22
2.2 SABERES TEÓRICOS.....	23
2.3 USINA DE PRODUÇÃO: APROXIMAÇÕES E AÇÕES INVESTIGATIVAS.....	31
3 PREPARANDO A MOCHILA: CRIÚVA, TRILHA NOTURNA E A CASA VERDE	36
3.1 CASA VERDE E CRIÚVA OPERADORA: EXPRESSÕES DO INTERIOR E O MAPA NOTURNO	42
3.2 APROXIMAÇÕES DA PESQUISADORA.....	47
4 SINALIZADORES DO PERCURSO: TRILHA TEÓRICA DA PESQUISA.....	51
4.1 TURISMO, AUTOPOIESE E TRANS(FORMA)ÇÃO	52
4.2 COMUNICAÇÃO-TRAMA-SUBJETIVA.....	62
4.3 DESTERRITORIALIZAÇÃO: CAMINHOS DO SUJEITO DO TURISMO.....	68
5 CONTEMPLANDO LUGARES E OS SUJEITOS DA CAMINHADA.....	74
6 VOLTANDO PARA CASA: REFLEXÕES DA VIAGEM	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92



1 ESTREMECIMENTOS INICIAIS

Imagine que você está em uma mata. O relógio marca 21h12min. Está escuro, breu total. No céu, quando as árvores permitem, você consegue enxergar a claridade provocada pela presença das estrelas. Mas a claridade não chega até o solo abaixo de seus pés. Você começa a ficar ofegante. Então, uma voz ao fundo te diz: “Agora você pode ir”. E, de repente, tudo o que você tem é um fio - no qual se agarra como se a sua vida dependesse disso - e a coragem que você consegue reunir para dar um passo a frente, sem saber o que vai encontrar no caminho.

A situação representada no trecho acima corresponde à cena principal da Caminhada Noturna de Criúva, objeto empírico desta pesquisa. Representa, também, as relações com o desenvolvimento do próprio trabalho: a perda do chão de si mesmo, o não reconhecimento do local, os estremecimentos iniciais, na busca por reconhecer um novo território. É neste sentido que dei título a esta sessão: de alguma forma, ao entrar em contato com o texto do outro, também nos estremecemos, iniciamos uma viagem em que os nossos universos particulares se encontram, produzindo algumas reações...

O que se lê a partir de agora, portanto, corresponde ao relato de uma viagem investigativa, proposta ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH), vinculada à linha 2 - Turismo, Cultura e Educação, e aos projetos “Trama Amorcomtur! Complexos processos comunicacionais e subjetivos, que potencializam o Turismo, considerados sobre o viés da amorosidade e autopoiese”, e “Ecosistemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica”, coordenados pela Prof. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista, orientadora deste trabalho. Vincula-se, também, ao Amorcomtur! - Grupo de Pesquisas em Turismo, Comunicação, Amorosidade e Autopoiese!

A pesquisa tem como objetivo geral identificar sinalizadores subjetivos e comunicacionais, no processo de desterritorialização de um grupo de sujeitos e suas contribuições para o Turismo. Apresentam-se, como operadores iniciais, alguns pressupostos conceituais. Um deles, sugere que desterritorializar-se é viver a ‘perda do chão de si mesmo’. Ao se perder, o sujeito aciona sua trama de referências que o

conduz para algumas possibilidades: a constituição de novos territórios e a cristalização de territórios antigos. Daí o entendimento de que o sujeito se autopoietisa no processo de desterritorialização: ou seja, aprende mais sobre si mesmo, se reinventa. Para tanto, busca referência em elementos da trama comunicacional-subjetiva interna e externa, marcada pela trama midiática e redes de imaginário.

Sendo assim, os objetivos específicos desdobram-se em: (1) Apresentar aspectos do cenário subjetivo e comunicacional, envolvido com a trama turística; (2) Discutir os conceitos de desterritorialização, em sua transversalidade com o turismo; (3) Caracterizar o grupo de sujeitos envolvidos na pesquisa; (4) Identificar sinalizadores subjetivos e comunicacionais, no processo de desterritorialização de um grupo de sujeitos.

Para começar o relato desta viagem investigativa, preciso retomar outra, repleta de descobertas de caminhos e trilhas, que ajudam a entender como este objeto de estudo se formou. Trata-se do resgate de alguns aspectos da minha trajetória como pesquisadora. Nesse sentido, destaco o momento de início da monografia, requisito para obter o diploma de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Primeiro, deparei-me com a pergunta “sobre o que você quer falar”, o que deu início a uma reflexão, que fez mais sentido quando a então orientadora de monografia, agora orientadora do mestrado, Prof^a Dr^a Maria Luiza Cardinale Baptista, me convidou para participar do Amorcomtur!. Foi assim, então, que ela fez outra indagação: “qual a sua paixão-pesquisa?”. Eu não fazia ideia do que ela queria dizer, mas comecei a perceber algumas pistas. Dessas, resultou o trabalho final, com o título: “Transformações da Publicidade Contemporânea, Marcas de Amorosidade e Novas Relações de Consumo”. O objetivo era propor um olhar para a publicidade na contemporaneidade, considerando o aspecto social que ela representa, e discutir expressões relativas às marcas de amorosidade, para identificar novas relações de consumo através de uma análise das interações do sujeito com o ambiente social (MELO, 2014).

No período de um ano entre a conclusão da Graduação e o ingresso no Mestrado, continuei frequentando as reuniões do Amorcomtur!, constantemente provocada pela professora Maria Luiza a continuar os estudos no PPGTURH. Nos últimos meses daquele ano, que era 2015, senti uma brotação mais forte desse

desejo, e fiquei entre a escolha por seguir na Antropologia, por acreditar que a área agregaria ao meu objetivo de saber mais sobre a formação social do sujeito, e o Turismo, que me seduzia com as suas propostas inquietantes, provocadas pela participação no grupo de pesquisa.

Decidi me inscrever para o mestrado em Turismo, com a proposta de investigar como a Publicidade poderia contribuir para o desenvolvimento da área, na perspectiva da amorosidade e da ética na relação. Quando descobri que havia passado, imaginava que as coisas mudariam, mas não sabia em que medida isso iria acontecer. Estava em São Paulo, na época, onde permaneci por quase três meses até o início das aulas.

A minha volta a Caxias foi cheia de tramas e dramas. Tudo era novo: a casa, os colegas, o momento de vida. Apenas o sentimento de pertencimento à cidade e a relação com alguns amigos permaneciam. Nesse ponto, eu estava tranquila. Foi em meio a tudo isso que iniciei o percurso no Mestrado. Não demorou muito, iniciaram também as discussões em orientação, que se entrelaçavam com a vida e com as aulas, numa jornada que me preparava para definir um objeto de estudo, sempre orientado pela indagação “o que te importa”? Foi assim que fui descobrindo a trilha do processo desterritorializante, envolvido com a trama comunicacional e subjetiva. Chegar nessa definição, no entanto, não foi uma tarefa simples. Isso porque eu não contava que pudesse, eu mesma, viver um processo desterritorializante, durante o desenvolvimento da pesquisa, de forma tão intensa. A minha volta a Caxias, aliada a outros acontecimentos, configurava muitos novos territórios, e era difícil me reconhecer em todos eles ao mesmo tempo. A pesquisa foi se mostrando totalmente entrelaçada com a vida.

A densidade das discussões que aconteciam se conectava com outras, que eu já tinha, e assim meu território se expandia, criando novas possibilidades. Essa expansão me obrigava a sair de onde eu estava. Afinal, não há como acomodar móveis novos numa mesma casa, sem dar uma destinação para os antigos, não é mesmo? O problema é que os móveis antigos me constituíam, e desfazer-me deles era algo difícil naquele momento. Eu vivia isso na teoria e na prática existencial.

Por volta do segundo semestre de 2016, o texto em que Margarita Barretto (2004) falava sobre as relações entre visitantes e visitados revelou um caminho

potente¹, que se conectava com o meu desejo paixão-pesquisa, e com a proposta de Comunicação-Trama que eu tinha começado a estudar na Graduação. Meses depois, alguns conceitos como a comunicação, a desterritorialização (que pairava no ar), a Esquizoanálise, a autopoiese, e a contemporaneidade (que vinha me acompanhando desde a graduação) constituíam várias trilhas teórico-conceituais. Mesmo consciente de que eram muitas, levei para a banca todas elas, propondo uma discussão que envolvesse a trama subjetiva e comunicacional e o jovem adulto em processo de desterritorialização na contemporaneidade. Da banca, muitas sugestões. Entre elas, a de deixar o jovem adulto para outro momento e explorar novos ambientes, outras possibilidades, outros grupos... Fiz isso.

O ano, que já era 2017, seguiu entre disciplinas, trilhas que surgiam através de sinalizadores antigos, apresentações em seminários regionais e nacionais, entrevistas e conversas informais com vários sujeitos, discussões no Amorcomtur!, em orientação, em casa, com amigos... Mas eu não conseguia encontrar o meu objeto empírico. Eu estava em campo, explorando e sentindo tudo o que aparecia, circulando entre subjetividade, autopoiese, Esquizoanálise, desterritorialização, comunicação, capitalismo, contemporaneidade, educomunicação, tecnologia... Essa parte eu ainda não contei.

Como se não bastasse tudo o que aparecia de novo na pesquisa, os anos de 2016 e 2017 também me tiraram do lugar, quando assumi a área de Marketing da Neomot, uma empresa de tecnologia que hoje foca em edificações inteligentes. Parece interessante, mas tinha um detalhe: eu nunca fui muito próxima da tecnologia. Se alguém encontrasse a Camila de oito anos atrás, iria vê-la declarando aversão à 'essas coisas que nos distraem e afastam das pessoas que amamos'. Eu considerava que a tecnologia era algo que o ser humano tinha inventado para se distrair (porque ele precisa disso para aliviar as dores do mundo). Mas eu tinha gostado da proposta e das pessoas que ali trabalhavam. Era tentador... Mais uma vez, processo desterritorializante! Tive que rever tudo, sair do meu território existencial, viajar até o território do outro. Aqui, também, o chão não parecia nada firme! Esse processo de imersão no campo de atuação da empresa fez com que eu aprofundasse a leitura sobre o assunto, em termos maquínicos e tecnológicos, para

¹ O termo aqui é utilizado com referência ao que Rolnik (1989) chama de "energia semiótica". Segundo a psicanalista, o desejo está presente no "Agenciamento dos corpos, movimento de intensidades tentando passar, movimento de criação de sentido para efetuar essa passagem - tudo isso acontecendo ao mesmo tempo" (ROLNIK, 1989, p. 32).

entender, além do Turismo, de qual tecnologia eu falava. Aos poucos, descobri uma face amorosa da proposta tecnológica, que ao mesmo tempo em que me aliviava, criava uma nova angústia. Eu me dedicava tanto a esse novo território... Será que ele e o Turismo não podiam dialogar um pouco? Em orientação, conversamos sobre isso, e lembramo-nos dos meios de transporte, tão relevantes para que o Turismo aconteça... Refletimos sobre o fluxo, a migração, o movimento, a alternância de territórios. A Neomot fabrica elevadores. O elevador é um meio de transporte, começamos a questionar. Será que podemos juntar, de alguma maneira, esses elementos? Explorei um pouco essa trilha, mas não era disso que eu queria falar. No entanto, dessa exploração, encontrei algumas pistas que me ajudavam a pensar a dimensão maquínica, que ganhou profundidade na expressão da subjetividade, sobre a qual falarei mais adiante. Maquinismos abstratos.

No final do ano de 2017, fiz uma atividade de integração a convite da professora Susana Gastal do PPGTURH: uma trilha noturna no distrito de Criúva, em Caxias do Sul-RS. Nesse dia, 14 de dezembro de 2017, havia acordado bem, feliz. Tinha expectativas quanto ao que aconteceria. Desde sempre, adoro trilhas. Uma trilha noturna, então... Era algo diferente, atraente! O que eu não sabia - e descobri no final da tarde daquele dia, já a caminho de Criúva - é que a trilha em questão seria feita totalmente no escuro. A vivência me deu pistas importantes sobre o que eu vinha pesquisando até o momento. Descobri muito sobre mim e a minha pesquisa, andando no escuro, sem ninguém por perto, guiada apenas por um fio de arame. Nessas alturas, no território desterritorializante da minha vida, alguém já tinha jogado o bote salva-vidas e eu começava a voltar para a territorialidade das coisas. Comecei a perceber as conexões e vivi a expressão plena do que aprendi como a dimensão intuitiva da pesquisa, proposta por Baptista (2014b) na Cartografia dos Saberes. Viver essa trilha foi demais! Essa emoção, somada à declaração dos colegas, ao final, bem como a postura das nossas guias (Claudia e Guadalupe), ajudou a repensar o objeto de estudo e a entender o que, de fato, eu gostaria de falar. Percebi que Criúva reservava algo especial e que, naquele momento, a experiência cristalizava-se como síntese reflexivo-empírica do objeto de estudo.

Por conta das festividades de final e começo de ano, a próxima orientação após a trilha noturna demorou um pouco mais para acontecer. Segui investigando, transcrevendo as conversas, refletindo sobre a atuação. Foi quando, na primeira orientação do ano seguinte, entendemos que a Trilha Noturna de Criúva

apresentava aspectos interessantes para serem analisados, considerando as três palavras-chave predominantes durante todo o processo de investigação do mestrado: desterritorialização, trama comunicacional e subjetividade. Decidimos que eu precisava voltar para a trilha. Voltei. Dessa vez, com um grupo que eu não conhecia. Essa última trilha foi definitiva, para mostrar que Criúva realmente reservava algo de especial. Na orientação seguinte, cheguei animada. Compartilhei a investigação e preparamos o roteiro de escrita para a entrega da dissertação. Era hora de, finalmente, organizar o pensamento e escrever o texto que você lê agora.

Retomo, então, o objeto de estudo deste trabalho: sinalizadores subjetivos e comunicacionais no processo de desterritorialização em um grupo de sujeitos e suas contribuições para o Turismo.

Para a construção dessa discussão, algumas trilhas teóricas são importantes. Primeiro, no que diz respeito ao termo ‘sinalizadores’, que está sendo entendido aqui como o momento que caracteriza um ponto de virada, mostrando o que é que se ligou para definir esse ponto, e o que esse ponto indica por estar ali e não em outro lugar².

No que tange à comunicação, tenho uma série de referências de autores e ideias que se constituem em mim desde 2010, quando iniciei a Graduação. De um modo geral, os tradicionais autores da área vislumbram a comunicação como um fenômeno que ‘sai’ de um emissor para um receptor com capacidade de produzir algum efeito, direcionando uma atitude. No entanto, a linha de comunicação que mais se aproxima do que tenho discutido, se origina das discussões de Baptista (2000a) e Marcondes (2008), com a proposta de uma comunicação mais sensibilizada, não funcionalista. Enquanto Baptista (2000a) propõe a comunicação como o encontro com a complexa trama de entrelaçamentos, na consideração da existência de um outro, também complexo, Marcondes (2008) fala desse acontecimento, dando ênfase ao fato de que a comunicação acontece na recepção da mensagem, que é capaz de provocar transformação nos sujeitos envolvidos. Para ele, a emissão, isoladamente, é mera produção de sinais. Ao propor a comunicação desta forma, os autores ampliam as possibilidades de interpretação e aplicação do conceito em outras áreas. No caso desta pesquisa, esse entendimento

² Conforme proposição do projeto de pesquisa “Ecossistemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica Ecossistêmica, Caosmótica e Autopoiética”.

é importante para analisar os diferentes encontros que acontecem com o sujeito do turismo ao longo da sua vida, da sua viagem, através das tramas comunicacionais, compostas pelos dispositivos de propagação da comunicação. Equipamentos coletivos, na expressão de Guattari (1992), na percepção da subjetividade.

Fundamentada principalmente por Guattari e Rolnik (1996), a subjetividade aqui está desvinculada do conceito de indivíduo. Os autores possuem uma visão complexa sobre o assunto. Para eles, ela está presente em diversos conjuntos sociais, relacionada com as existências particulares de cada sujeito. Desta forma, o modo como os sujeitos vivem a subjetividade podem oscilar entre dois extremos: um, de alienação e opressão, está associado à aceitação da subjetividade da forma como ela é recebida, e outro, de expressão da criação, faz referência à reapropriação, pelo sujeito, dos elementos da subjetividade para produzir algo novo: uma singularidade.

É nesse campo de subjetividade que a desterritorialização acontece e é percebida na discussão realizada nesta dissertação. O embasamento para essa discussão vem, primeiramente, das percepções de Guattari e Deleuze (1981) e Rolnik (1989). Guattari e Deleuze (1981) falam sobre a desterritorialização do sujeito em termos psíquicos e físicos. Por estar associada a uma 'perda de território', entende-se aqui que a desterritorialização acontece junto com a autopoiese (MATURANA, 1998), que é processo de reinvenção de si mesmo, numa leitura para o momento de "reterritorialização". Desta forma, quando o sujeito se reconhece em novos territórios, ou encontra antigos, uma das possibilidades é que a produção do desejo, se faça presente como algo que o potencializa para criar novos territórios... Nesse sentido, a desterritorialização é uma discussão importante para compreender o processo de transformação do sujeito na viagem, inerente ao processo em que o Turismo ocorre.

Com relação ao Turismo, as referências principais são autores que ajudam a pensar um Turismo pautado pela ética da relação, em sua complexidade, na expressão dos textos trabalhados por Marutscka Moesch (2004), Trigo (2013) e Barretto (2004, 2010, 2014). Observa-se, também, temas que ajudam a pensar no desafio de propor alternativas ao Turismo, conforme provocações de textos publicados em "Olhares Contemporâneos do Turismo", (SERRANO; BRUHNS; LUCHIARI, 2001).

Destaco, ainda, que durante o desenvolvimento da pesquisa, era comum o retorno a questionamentos da atividade que fossem além das considerações econômicas e sociais, que levasse em conta o potencial transformador da viagem para quem a realiza. Pensava que, por mais simples que uma viagem ou passeio fosse, ela sempre agregava algo para a vida do sujeito. Por isso, durante boa parte do tempo estive em busca de um objeto empírico para me ajudar a dar força para esses questionamentos, conforme retratado acima. Foi com essas provocações que consegui entender a questão-problema deste trabalho, expressa na seguinte pergunta: “Quais são os sinalizadores subjetivos e comunicacionais no processo de desterritorialização de um grupo de sujeitos e como isso contribui para o turismo?”

A estratégia metodológica utilizada para o desenvolvimento deste trabalho é a Cartografia dos Saberes, proposta e aplicada por Baptista (2014b), que considera a prática da pesquisa um processo não-linear, e oferece estratégias ao pesquisador para que ele dê conta de contar o que precisa ser contado, conforme as suas descobertas. Os diálogos feitos durante a realização da Trilha Noturna em Criúva foram gravados, registrados em diário de pesquisa, transcritos e sistematizados.

Em termos de estrutura narrativa, os capítulos foram pensados de forma que apresentem um diálogo coerente com objeto de estudo. Desta forma, apresento a seguir os aspectos metodológicos da pesquisa, onde procuro relatar como ela foi desenvolvida e quais recursos foram utilizados. No capítulo seguinte (3), propõe-se uma primeira visita à Criúva, traçando o caminho da Casa Verde - Criúva Operadora, empresa idealizadora da trilha, até a Caminhada Noturna, propriamente dita. Essa apresentação inicial visa facilitar a compreensão dos conceitos que serão discutidos nos capítulos seguintes, organizados desta forma: Turismo, Autopoiese e Trans(forma)ção, onde está relatado o meu diálogo com autores e as reflexões feitas a partir de aproximações e ações investigativas (4.1); a relação com a Comunicação-Trama-Subjetiva, orientadas pela Esquizoanálise, para uma reflexão sobre o sujeito do turismo (4.2); as aproximações com a desterritorialização, onde conto quais os critérios teóricos utilizados para identificar o processo na Caminhada (4.3); os Diálogos com o Campo, com o relato dos sujeitos participantes da Caminhada noturna em Criúva (5), seguido pelas considerações momentâneas da pesquisa, representada pelo título “voltando para casa, reflexões da viagem”.



2 SIMULAÇÃO DOS CAMINHOS: CARTOGRAFIA DOS SABERES

Meu percurso como pesquisadora está muito relacionado com o Amorcomtur!, onde as discussões sobre a Ciência Contemporânea, associadas ao momento de transição social e científica que estamos vivendo, demandam aproximações e ações investigativas, na expressão da Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014b).

Nesse sentido, é interessante o fato de que Santos, em 1989, já reconhecia que a Revolução Científica que atravessamos é muito diferente da que ocorreu no século XVI, por ser uma Ciência que precisa ser reconstituída, num momento em que a própria sociedade está transformada por ela. Desta forma, uma das necessidades urgentes é que a transformação não fique apenas no paradigma científico, em busca de um conhecimento prudente, como também de um paradigma social, em busca de uma vida decente (SANTOS, 1989). Agora, 30 anos depois, essa discussão ganha força, na expressão de estratégias metodológicas mais afetas, flexíveis e plurais, como é o caso, por exemplo, das proposições da área da Antropologia, com a Etnografia, da Linguística/Psicanálise/Materialismo Histórico, com a Análise do Discurso, e da Esquizoanálise, com a Cartografia, transposta para a Comunicação e o Turismo pela Cartografia dos Saberes.

A Cartografia dos Saberes considera a lógica de 'fazer fazendo' e se orienta por decisões que emergem no campo da pesquisa (BAPTISTA, 2014b). O termo Cartografia, por sua vez, é entendido segundo a perspectiva de Rolnik (1989), em que o cartógrafo se mune não de um método, mas de critérios. Desta forma, o pesquisador cartógrafo segue uma 'trama de trilhas' (BAPTISTA, 2014b), com várias possibilidades de acionamentos. No caso dessa pesquisa, há uma série de embates meus (desterritorializantes), que fazem parte do caminho trilhado para as reflexões aqui propostas. Esses embates surgem e amadurecem na lida diária, com a apresentação de trabalhos em seminários acadêmicos, leituras de livros, conversas informais com colegas, familiares, amigos e discussões no Amorcomtur!, entre outras ações.

Com isso, algo fundamental do processo é o entendimento do que é ser um cartógrafo, no sentido proposto por Rolnik (1989). Segundo a autora, a tarefa do cartógrafo é

[...] dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (ROLNIK, 1989, p. 16)

Desta forma, o que se faz é explorar o campo da pesquisa com a sensibilidade ativa, no que Rolnik (1989, p. 26) denomina como *corpo vibrátil*, “aquele que alcança o invisível. Corpo sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações: atração e repulsa, afetos, simulação em matérias de expressão”, de forma que as dimensões intuitivas sejam levadas em conta, tanto quanto os saberes teóricos. Aqui, vale a referência ao Mapa Noturno, proposto por Barbero (1997). Para o autor, é preciso redesenhar o “mapa de conceitos básicos”, mudando o lugar do qual as perguntas são formuladas. Nesta pesquisa, a referência ao mapa noturno de Barbero (1997) revelou uma forte aproximação do conceito discutido por ele com o objeto empírico aqui trabalhado, além de ajudar a pensar o próprio Turismo como uma espécie de Caminhada Noturna – daí o título do trabalho - como veremos mais adiante. Essa referência, por sua vez, acabou orientando também o processo narrativo da pesquisa, desde o sumário até os entrelaçamentos dos textos.

Como critérios para a exploração do campo, a Cartografia dos Saberes possui quatro dimensões, que são exercitadas de forma concomitante: saberes pessoais, saberes teóricos, usina de produção (com aproximações e ações investigativas) e a dimensão intuitiva (BAPTISTA, 2014b). Veremos, em seguida, como cada uma delas foi utilizada nessa pesquisa.

2.1 SABERES PESSOAIS E DIMENSÃO INTUITIVA

Conforme explica Baptista (2014b, p. 351), os saberes pessoais ajudam o pesquisador a “se dar conta a respeito do que sabe, do que pensa e do seu interesse de direcionamento da sua prosa”. Neste caso, o ponto de partida para a discussão era a Comunicação e a Esquizoanálise, iniciadas na monografia, aliado aos interesses sobre a influência de valores contemporâneos nas ações cotidianas dos sujeitos. Aqui, reconheço que os saberes pessoais, além de serem importantes para iniciar a pesquisa, é o que me faz existir com ela. Os saberes pessoais estão

sempre em mutação, movimento, transformação. Constituem-se como pistas, ponto de partida do nosso conhecimento, as trilhas iniciais para que a pesquisa forme suas primeiras bases. Além disso, são os saberes pessoais, aliados à dimensão intuitiva e aos processos de investigação, que nos conduz o pesquisador a uma produção mais envolvida com o campo.

Na trilha noturna, por exemplo, quando o sujeito se vê totalmente no escuro, existe algo que o orienta, que lhe dá segurança para sair do lugar, *um fio que o conduz*, que o acompanha junto com a sua imaginação, seu sentido e suas emoções. Na pesquisa, esse fio representa a combinação dos saberes pessoais e teóricos, entrelaçados com a Usina de Produção como um todo, ou seja, o fio condutor é plural, móvel. Modifica-se na medida em que o sujeito vive e aprende. Da mesma forma, há a presença de uma dimensão intuitiva que informa, por instinto, para correr ou para parar. Resquícios do nosso 'eu-das-cavernas'. A dimensão intuitiva é importante para a nossa sobrevivência, para a sobrevivência da pesquisa, pois nos orienta a prestar atenção aos ínfimos sinais, aos barulhos sutis, com abertura para o mundo sensível. Com os sentidos acionados de forma mais ampla, por alguns momentos, tudo silencia, tudo seleciona. Nas palavras de Baptista (2014b, p. 11),

O conhecimento e os textos científicos brotam do corpo todo, dos sentidos, dos afetos, das afecções e, tantas vezes, dessas instâncias inarticuladas, para lembrar Anton Ehrenzweig (1997a, 1997b), dos fluxos incorporais a-significantes, no dizer de Guattari (1992), conseguimos obter intensidades informacionais que direcionam o conhecimento realmente para regiões até então desconhecidas.

Desta forma, a descoberta de novos rumos para a pesquisa vem acompanhada dos saberes pessoais e da dimensão intuitiva, desse "tatear no escuro", do desmanche de um território, que se constitui em outro lugar.

2.2 SABERES TEÓRICOS

Quanto aos saberes teóricos, servem para ajudar o pesquisador a desenvolver a pesquisa, a partir dos conceitos centrais que ele define (BAPTISTA,

2014b). Aqui, destaco a aproximação com autores do Turismo, a partir das discussões feitas durante as disciplinas do mestrado, eventos e seminários que participei. Além disso, as buscas no banco de dados da CAPES, Scielo, Google e publicações do PPGTURH se tornaram um hábito frequente, que ajudavam a entender o que se tem de produção, a partir de cada nova palavra-chave descoberta. Dessas buscas, destaco aquelas que se relacionam com as palavras-chave deste trabalho, e que contribuíram, de alguma forma, para a definição do objeto de estudos: Desterritorialização, Comunicação e Turismo, Subjetividade e Turismo de experiência. Abaixo, separado por subitens, apresento um relato deste processo.

A) Desterritorialização

Nesta busca, meu objetivo era encontrar trabalhos que já tivessem abordado o tema de alguma forma. Comecei pelo banco de dados da CAPES, onde a busca pela palavra “desterritorialização” rendeu 719 resultados. Após filtrar a pesquisa para “artigos”, esse número caiu para 548. Com o filtro “Data - Mais antigo” selecionado, naveguei pelos primeiros 80 títulos que apareceram, observando aqueles que se relacionavam com a temática “desterritorialização em grupos de sujeitos”. Desses, destaquei quatro artigos para serem analisados. No fim, apenas um, intitulado “Redes sociais como novo marco interpretativo das mobilizações coletivas contemporâneas”, revelou um novo referencial teórico. Trata-se do livro de Mato (2007), o qual discute o conceito de desterritorialização atrelado ao fenômeno da globalização.

Após essa seleção de 80 artigos, fiz o caminho inverso: selecionei 80 artigos com o filtro “mais novos”. Naveguei pelos títulos e destaquei cinco artigos, os quais, além de reforçar o referencial que eu tinha, revelaram novamente mais uma fonte. Desta vez, a descoberta é do texto de Guedes (2016), o qual estuda as “lutas de território” levadas adiante por povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, fazendo relação com a discussão de território e desterritorialização segundo Costa (2004).

No que se refere a Teses, o banco de dados da CAPES apresentou apenas três resultados, sem relação com o meu trabalho. Já no que tange aos livros, o

banco encontrou 24 resultados, que também não se mostraram relevantes para a pesquisa.

Na base SCIELO, encontrei apenas cinco artigos, que não se relacionavam com o meu tema e objeto de estudo.

Além das buscas nesses bancos, destaco também a minha aproximação com Costa (2004). Já fazia algum tempo que eu vinha estudando a desterritorialização com o viés da Esquizoanálise, quando me encontrei com esse autor. Resolvi começar pela palestra apresentada no Espaço Cultural CPFL “Novas Identidades: A Vida em Transformação”, em 16 de maio de 2005, para ir me acostumando com a proposta dele (YOUTUBE, 2018). Assisti várias vezes. Descobri que ele havia encontrado três abordagens para a desterritorialização: dimensão econômica, política e cultural. Consultei também o livro, “O mito da desterritorialização”, onde o autor aprofunda a discussão. A leitura foi importante para entender melhor o lugar de fala de Costa (2004), e também o lugar de onde estou falando. O autor estuda a desterritorialização em diversos ambientes, mas fala a partir do olhar da Geografia, sua primeira formação, enquanto a desterritorialização que venho trabalhando parte da percepção do universo do sujeito, onde o território “pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”” (GUATTARI; ROLNIK, 1996). Tanto Rolnik (1989) quanto Deleuze e Guattari (1995) falam que a desterritorialização aciona, imediatamente, a reterritorialização. Neste sentido, o que há é territórios sendo construídos e destruídos o tempo todo. Logo, a des-re-territorialização, palavra proposta por Costa (2004) no capítulo em que ele fala sobre Deleuze e Guattari, faz sentido, embora ela seja construída numa percepção diferente de território. Aqui, optamos por não abordar a desterritorialização a partir de Costa (2004), não só por uma questão de lugar e fala, como de coerência com o próprio objeto de estudo e pensamento de análise.

B) Comunicação e Turismo

A pesquisa por essa palavra-chave começou um pouco diferente. Estava procurando por textos acadêmicos e não acadêmicos que falassem sobre Comunicação e o Turismo. No Google, encontrei 17.000 resultados. Naveguei pela primeira página, de onde tirei dois materiais. O primeiro deles era Comunicação e

Turismo, de Doris Ruschmann (1991), publicado na revista do Intercom. O texto fala sobre estratégias de comunicação no turismo, numa visão mercadológica. Assim, está expressa a ideia de que a comunicação ajuda o Turismo a vender e possui um caráter fortemente manipulativo. O texto me ajudou a entender que tipo de abordagem eu não queria dar para o meu trabalho ao relacionar Comunicação e Turismo.

O segundo texto, “A importância da comunicação no desenvolvimento Turístico”³, era de Janice Juliano Prado (2005). O texto me ajudou a entender que é preciso desconstruir a lógica mercadológica. É preciso entender como as pessoas vivem uma experiência turística, para além da lógica capitalística, ao mesmo tempo em que estão inseridas e influenciadas por este sistema.

Após essa busca, fui para os bancos de dados da CAPES, onde encontrei 922 resultados. Novamente, selecionei as teses como filtro, e encontrei seis trabalhos, dos quais apenas um envolvia as duas áreas, e falava sobre as tendências da comunicação turística. Neste momento, buscava ter uma ideia dos assuntos que estavam sendo abordadas em termos de produção acadêmica, na relação com as duas áreas.

Ainda no banco de dados da CAPES, voltei para a busca inicial e selecionei o filtro de artigos. Apareceram 822 resultados. Trabalhei novamente com o critério de “mais relevante”, confiando no que a CAPES tinha para me mostrar. Li os primeiros 50 títulos, observando que frequentemente a palavra “comunicação” e “turismo” vinha relacionada com outras: Turismo Sexual, Branding, Sites, Tecnologias da Informação, Sujeito-Trama do Turismo, E-Learning, Hospitalidade, Rádio, Cultura, Identidade, Gastronomia... Abordagens em contextos diferentes. Essa busca me ajudou a entender que as combinações entre Turismo e Comunicação são infinitas e relevantes, dado a diversidade de temas explorados. O mesmo aconteceu na base do SCIELO, onde encontrei 25 resultados.

C) Subjetividade

No campo da subjetividade, a base de dados do Scielo revelou 2025 trabalhos. Fiz uma seleção de filtros com as opções disponíveis, pelas áreas

³ PORTAL. Disponível em: <http://portal.eusoufamecos.net/a-importancia-da-comunicacao-no-desenvolvimento-turistico-estudo-de-caso-municipio-de-rio-grande-rs/>. Acesso: 21 de abr. 2018.

temáticas Scielo e WoS: Ciências Humanas; Multidisciplinar; Ciências Biológicas; Psicologia, multidisciplinar; Humanidades, multidisciplinar; Psicologia, social e Comunicação. O número caiu para 556. Li 90 títulos, organizados por relevância. O meu objetivo era me aproximar mais das pesquisas de subjetividade. Num plano geral, os títulos demonstravam diversos temas e contextos analisados sob o viés da subjetividade. Alguns de forma mais direta, outros, singelos, escondidos no texto. Selecionei três artigos que abordavam a subjetividade no cenário capitalístico ou contemporâneo: “A potência de viver: Deleuze e a arte” (VIVAR; KAWAHALA, 2017); “A produção de subjetividades no contexto do capitalismo contemporâneo: Guattari e Negri” (SOARES, 2016) e “Cuerpo y subjetividad en Latinoamérica: resistencia a la cultura somática del capitalismo” (ESCOBAR, 2015). De um modo geral, esses artigos se relacionam por propor uma leitura densa, como as discussões sobre subjetividade são. O texto sobre a arte em Deleuze, em especial, traz uma potência na leitura, uma alegria. Pensei que isso poderia ser também uma característica dos estudos sobre subjetividade, a partir do momento em que conseguimos decifrar os códigos. Essa primeira busca me ajudou a entender o desafio que eu tinha pela frente.

Também no banco de dados da CAPES encontrei 6.580 resultados. Nesse caso, me limitei a fazer as leituras das teses, que representavam 28 resultados. Assim como na relação da Comunicação com o Turismo, a subjetividade vinha acompanhada de diversos termos: Autismo, Esquizofrenia, Cognição, Educação, Homossexualidade, Velhice, Feminismo, Pessoas com AIDS, etc. Essa busca mostrou, novamente, a possibilidade de analisar a subjetividade em diversos contextos.

D) Turismo de Experiência

Esse item descreve um processo de busca relativo a turismo de experiência que foi realizado no percurso da pesquisa, ainda que depois tenha-se optado por não trabalhar com o viés de segmentação dessa perspectiva. Apesar disso, diversos textos ajudaram na reflexão geral da pesquisa, compondo a discussão de alguns aspectos, mas não há uma ênfase restrita ao turismo de experiência na abordagem realizada aqui.

Nesta busca, comecei a consulta pela base de dados da Scielo. Encontrei 144 resultados. Neste momento, estava buscando informações sobre o tema, e selecionei os artigos que me pareceram mais atraentes. Foram 17 no total. Desses, apenas dois se mostraram mais relevantes de alguma forma para pensar a pesquisa: “A pobreza turística no mercado de pacificação: reflexões a partir da experiência da Favela Santa Marta” e “El turismo rural como experiencia significativa y su estudio desde la fenomenologia existencial”. O primeiro fala do Turismo nas favelas no Rio, no período pré-olimpíadas. Chama atenção a representação da fala dos guias locais, que cresceram por lá, e dos guias que vem de fora, agenciados por empresas que se instalaram com o projeto de pacificação. O artigo faz relação com a cultura do espetáculo, onde a pobreza vira palco para show, o pitoresco. Além disso, o ‘plano de pacificação e turistificação’ da favela parece impor atitudes que não fazem parte da comunidade em questão, criando um estranhamento nos sujeitos da comunidade. O artigo me fez pensar em quem somos nós, pesquisadores, para propor algo a uma comunidade. É preciso ter uma atitude de respeito e humildade ao construir uma solução. É preciso policiamento para propor sem impor. Já no segundo texto, o foco é na análise da experiência turística vivenciada por um casal no ambiente rural. Conta, através de entrevista com o casal envolvido, como foi essa viagem, que era um presente de aniversário do amado para a amada. Em um determinado momento, o texto recorre à Heidegger para falar que a rotina leva a gente a não pensar direito, viver pelo olhar do outro. Neste ponto, me lembro da experiência da trilha noturna de Criúva, que nos convida a *desacelerar*. A apreciar o momento, você mesmo. Ainda assim, há quem caminhe apressado, não para “pular os lugares”, mas para vencer o próprio medo de caminhar no escuro, no meio da mata.

No banco de dados da CAPES os resultados foram bem maiores: 1.193. Comecei pelo filtro das Teses: caiu para 15. Logo percebi que poucos se relacionavam com o assunto “turismo de experiência” de forma mais direta no título. Como meus objetivos eram levantar o referencial teórico, conhecer mais sobre o tema, e identificar pesquisas próximas ao meu objeto empírico, selecionei três pesquisas: “A experiência dos turistas em Portugal: o lado negativo”, “A sustentabilidade do turismo em ilhas de pequena dimensão: o caso dos Açores” e “As rotas culturais – âncoras da ludificação, atractividade e reconversão dos espaços rurais”. A primeira me mostrou que existem autores que falam sobre a

“experiência turística”, e não sobre o “turismo de experiência” como se fosse um nicho. Também me deu uma base de referenciais para serem trabalhados. A segunda e a terceira pesquisa abriram uma janela para pensar o turismo sustentável e rural, também com uma base de referenciais. Embora a trilha noturna seja uma experiência com forte apelo à Natureza e a discussão sobre turismo sustentável e rural seja de extrema relevância, optamos por deixar essa discussão para outro momento, considerando o objetivo geral e os objetivos específicos do trabalho.

Com a primeira seleção de filtro realizada, voltei para a base inicial, e selecionei “livros”. Desta vez, apareceram 75 resultados. Olhei todos, mas, dado as referências obtidas na pesquisa anterior, nenhum deles se mostrou extremamente relevante para o desenvolvimento da pesquisa.

Novamente de volta a busca com 1.193 resultados, selecionei o filtro “artigos”. Olhei os 40 primeiros resultados com a ordenação “mais relevantes”. Desses, destaquei quatro para ler.

O primeiro, “Turismo de experiência: Uma proposta para o atual modelo turístico em Itacaré – Bahia” apresenta o turismo de experiência como alternativa ao turismo em Itacaré, na Bahia, que apresenta sinais de saturação. Já o segundo, “A qualidade de serviços em atrativos turísticos de Florianópolis à luz da teoria do turismo de experiência”, demonstra a qualidade dos serviços turísticos de Florianópolis sob o olhar da teoria do Turismo de Experiência. Não há uma referência direta a uma “teoria” específica sobre Turismo de Experiência, e sim um conjunto de estudos e livros de pesquisadores que se debruçaram sobre a questão da “experiência”. O Artigo também traz uma revisão de outras pesquisas que já foram realizadas, para dar sustentação à temática “experiência no turismo”.

A terceira pesquisa, “Patrimônio Cultura e Turismo: um estudo de caso do Filò Talian realizado em Caçador (SC)”, fala sobre a transformação do Filò Talian em um produto turístico, considerando para isso que é necessário ampliar a mão de obra e estrutura de atendimento ao público, dedicando-se ao turismo de experiência (o turista poderá vivenciar a realidade local e trocar saberes com a comunidade visitada).

Já a quarta selecionada, fala sobre o Turismo de transformação, com base nos estudos relativos a economia da experiência. Essa leva o nome de uma autora conhecida: Margarita Barretto, em parceria com Francisco Eduardo Silveira. Este trabalho, em especial, se mostra especialmente importante para esta pesquisa,

tendo em vista que propõe um caráter de transformação do sujeito turista, com base nas discussões sobre experiência, e se relaciona com a abordagem do conceito de *autopoiese*, defendido por Maturana (1998), que acompanha o desenvolvimento deste trabalho.

2.3 USINA DE PRODUÇÃO: APROXIMAÇÕES E AÇÕES INVESTIGATIVAS

Outra dimensão proposta pela Cartografia de Saberes é a Usina de Produção. Aqui, são feitas aproximações e ações investigativas, dando subsídios e pistas que sinalizam por qual caminho o pesquisador deve seguir pesquisando (BAPTISTA, 2014b). É o momento em que realizamos aproximações que possam sinalizar ações, que nos ajudem a encontrar a (teor)ia no acontecimento diário, na vida cotidiana de grupos, empresas, pessoas, nos fenômenos investigados.

No caso desta pesquisa, destaco algumas aproximações. A primeira delas diz respeito a uma roda de conversa do Amorcomtur!, que aconteceu no dia 01 de setembro de 2016. Na roda, estavam presentes oito pesquisadores. Após a fala da líder do grupo, que deu boas vindas a dois alunos estrangeiros, me apresentei e disse que tinha um laboratório para fazer sobre a minha pesquisa no mestrado. Todos ficaram animados. Esta é uma das características do grupo, cumplicidade e acolhimento de propostas relacionadas à pesquisa dos integrantes e convidados. Perguntei, então, qual era a *viagem-desejo* de cada um deles, questionando o motivo. Ficaram pensativos por um instante... Depois de alguns segundos, um dos pesquisadores falou, dando início à 'rodada de respostas'. Nenhuma das falas ou destinos se apresentaram iguais, mas todas elas tinham relação com informações dispostas na trama comunicacional, algumas mais que as outras. Por este motivo, em função de algumas características emergentes das falas, optei por fazer um agrupamento temático. Sem um rigor filosófico e científico, naquele momento, separei as respostas em três grupos: viagem-desejo trama comunicacional; viagem-desejo de fé e viagem-desejo existencial, conforme organizado na tabela abaixo:

Quadro 1 – Qual é a sua viagem-desejo?

Viagem-desejo trama-comunicacional	Viagem-Desejo de Fé	Viagem-Desejo Existencial:
<p>Destino 1: Pernambuco. Motivo: “Por que eu amo a música de lá, a comida de lá, as pessoas de lá... nunca fui, mas sinto que é o meu lugar também!”,</p> <p>Destino 2: Grécia. Motivo: “A mitologia grega me encanta, e a possibilidade de visitar lugares antigos, que já foram ocupados por outras pessoas e hoje estão em ruínas me encanta. Eu adoro imaginar o passado. Amo também os filmes com cenários da Grécia”.</p> <p>Destino 3: Salvador, Havana e Bonito. Motivo: O primeiro porque possui calor humano. É a terra de Caetano Veloso e Maria Bethânia. Parece ser um lugar hospitaleiro, que gosta de receber pessoas. O segundo é por ser um lugar místico e histórico. A ideia de conhecê-la agrada bastante. E Bonito, por proporcionar uma conexão com a Natureza. As fotos que ele viu de lá são muito bonitas. O lugar em si o atrai.</p> <p>Destino 4: Caxias do Sul. Motivo: Acredito que ainda não explorei todos os cantos da cidade onde nasci.</p>	<p>Destino 1: A região das missões. Motivo: “Parece ser um lugar onde tem uma energia forte, pela história e pelas pessoas que passaram por lá”.</p>	<p>Destino 1: República Dominicana. Motivo: “Por que meu pai nasceu na Espanha, mas queria estudar Medicina, que era muito caro por lá. Então ele foi para a República Dominicana”. Hoje, vivem na Colômbia, mas o pai conta muitas histórias do país, e sonha um dia levar a família para lá.</p> <p>Destino 2: O mundo todo de 'bike. Motivo: “Quero fazer um livro-diário e, se a aventura der certo, fazer mais viagens!”.</p> <p>Destino 3: O espaço! Motivo: Gostaria de ver o nascer do sol sob a perspectiva de um lugar que ele considera incrível. Passa a ideia de ser um lugar fantástico.</p>

Fonte: Da Autora.

Nessa primeira aproximação, a divergência de respostas em um grupo tão pequeno de pessoas, demonstrou a complexidade do tema proposto. Também me deu pistas de como os sinalizadores comunicacionais poderiam ser identificados. Mesmo em destinos que foram caracterizados como ‘trama de fé’ ou ‘existencial’, é possível verificar, pelo conceito de comunicação empregado aqui, que a trama comunicacional se faz presente em todos eles. No caso da primeira situação, faz

parte do imaginário: através do contato com a música, livros e artistas que representam uma imagem do local, o sujeito foi tecendo a sua percepção. Já na viagem-desejo espiritual, a comunicação aparece de forma subjetiva, também na construção de um imaginário, composto por conversas entre amigos e mais uma gama infinita de possibilidades, que contribuíram para a construção dessa imagem sobre o local.

Outra aproximação importante desse processo de “cartografar as vivências” foram as *conversas informais*, com sujeitos do meu cotidiano de diversas idades e gêneros, registradas em diário de pesquisa. Chama a atenção, por exemplo, a fala de um adulto de 42 anos. O primeiro registro que tenho dele data do dia 19 de setembro de 2016, após o retorno de uma viagem à França que ele tinha feito. Quando perguntei como tinha sido, ele prontamente me respondeu: “*não tem como voltar do mesmo jeito*”. Fiquei curiosa, e questionei o que mais tinha encantado ele na viagem inteira. A expressão no rosto dele mudou. Era de satisfação. A resposta: “*O povo, o jeito, a cultura deles... O museu do Louvre. Não tenho palavras para explicar o que é estar ali*”. Ele falou da História da Arte representada em quadrinhos, chamando atenção para a forma didática de se passar uma informação. Também disse que, mesmo entendendo a importância das obras presentes no museu, prefere as que são produzidas hoje. “*aquelas são muito feias, grotescas*”, declara. Outro acontecimento que chamou atenção foi o relato do contato com a Mona Lisa. “*Vi de longe, por causa da multidão. Tem placas no Louvre inteiro indicando onde fica a obra*”. Antes de sermos interrompidos por um telefonema, ele finalizou: “*A França é arte pura, outro nível*”.

Em outro momento, desta vez no dia 27 de abril de 2017, enquanto conversávamos sobre viagens, expus a minha opinião, dizendo como essas experiências são enriquecedoras. Aqui, eu tinha a intenção de colher algumas pistas... Ele me respondeu, prontamente: “*Sim! Eu amo as viagens porque elas te obrigam a sair da rotina. Simplesmente não tem como você agir mecanicamente. O lugar é estranho, é sempre tudo diferente*”.

Entendo que, na fala dele, há diversos elementos que interessam tanto ao Turismo, como área de atuação, quanto a quaisquer profissionais que desejam investigar o processo de produção de significado em cada sujeito.

Há, ainda, uma aproximação feita a partir de entrevista com seis sujeitos sobre viagens realizadas. O critério de seleção foi aberto, por se tratar apenas de

aproximações investigativas, cuja proposta era ter dados para definições posteriores. Essas entrevistas ocorreram no período de junho a outubro de 2017. Os sujeitos tiveram suas falas registradas em áudio e diário de pesquisa, com algumas transcrições literais. Entre as falas, também foi possível identificar momentos desterritorializantes, provocados pela presença em território estranho ou pela diferença cultural do local visitado. Também a paisagem (arquitetônica, natural e subjetiva) se apresentava como novidade, e sinalizavam para estilos de vida diferentes. É interessante notar, nesse processo, que entre encontros e desencontros,

A trama investigativa [...] vai se compondo de saberes e inquietudes pessoais que possam ter significados sociais e para as áreas de conhecimento envolvidas; saberes dos outros (teóricos e das experiências compartilhadas) e a vivência mesma no campo da pesquisa, no que eu chamo de 'chão de fábrica', no sentido de usina de produção de saberes, no nosso caso, a respeito do Turismo. (BAPTISTA, 2014b, p. 344)

Sempre, entre essas aproximações, a viagem investigativa seguia com discussões, leituras e algumas escritas que refletem o processo investigativo. No entanto, foi só em dezembro de 2017, com um passeio de integração com os discentes do PPGTURH, que eu encontrei a grande trilha que me levava para o desfecho de tudo o que eu já havia pensado e pesquisado: a Caminhada Noturna de Criúva.

A aproximação com essa trilha, naquela ocasião, demandou outra ação investigativa, que foi acontecer em março de 2018, após investigar as possibilidades de abordagem com a orientadora. Nesta segunda trilha, exercitei o meu lado cartógrafa e preparei um roteiro com algumas situações que deveriam ser observadas, sem um rigor exagerado, apenas como orientação investigativa. Afinal, eu estava me preparando desde o início da pesquisa para esse momento. Durante a ação, fiz anotações e registrei os diálogos realizados em áudio. Posteriormente, transcrevi esses áudios e sistematizei as falas em quadros, conforme previa os objetivos específicos da pesquisa, fazendo anotações sobre as minhas percepções acerca dos sujeitos envolvidos. Depois, elaborei mais um quadro, que sintetiza os sinalizadores encontrados no processo. A análise destas falas encontra-se no último capítulo deste trabalho, antes dos esclarecimentos finais.

Assim, encerro o relato deste percurso investigativo, que orienta as bases dessa pesquisa, e convido a seguirmos para o terceiro momento desta narrativa, onde trago algumas referências sobre Criúva, a Trilha Noturna e a Casa Verde - Criúva Operadora.



3 PREPARANDO A MOCHILA: CRIÚVA, TRILHA NOTURNA E A CASA VERDE

Criúva é um desses lugares de ‘uma rua só’. Ao chegar, você logo percebe os olhares curiosos, embora acostumados, dos eventuais moradores locais. A 185 km de Porto Alegre - RS (FIGURA 1), o distrito⁴ de Caxias do Sul possui cerca de dois mil habitantes e uma área de 459,40 km². Coleciona características de lugares do interior: um mercado, uma escola, uma igreja, cartório, subprefeitura... Farmácia e posto de gasolina não existem por ali. Já a paisagem... É de dar sossego para o coração. O nome faz referência à árvore Criúva, típica da região (FIGURA 2). A fotografia foi tirada em uma das minhas visitas ao local, e fica nas margens do Cânion dos Palanquinhos (FIGURA 3) (CAXIAS DO SUL, 2018).

Figura 1 - Especificações Demográficas – Rio Grande do Sul - Caxias do Sul/Criúva



Fonte: Da Autora.

⁴ Segundo Pina, Lima e Silva (2008), um distrito é uma subdivisão do município, com um povoado de maior concentração populacional. A determinação se um distrito vem de uma lei estadual, que deve ser respeitada pelo município.

Figura 2 - Árvore Criúva, que dá nome ao distrito



Fonte: Da autora.

Figura 3 - Cânion dos Palanquinhos – Criúva, RS



Fonte: Da Autora.

Criúva surgiu no século XIX, em decorrência da instalação de comércios que abasteciam os tropeiros que por ali passavam, rumo a Vacaria. Hoje, a força

econômica do distrito vem da Agropecuária, com a produção de laticínios, além da elaboração do vinho e do cultivo de hortaliças. Outro ponto forte do distrito é beleza natural, encontrada no seu interior. É reconhecida, também, como o berço da música tradicionalista gaúcha, impressa no pórtico de boas vindas da cidade (FIGURA 4) (CAXIAS DO SUL, 2018).

Figura 4 - Pórtico da Cidade



Fonte: Da Autora.

É nesse terreno, em meio à natureza, que a Caminhada Noturna acontece.

Organizada pela Criúva Operadora, mais conhecida como Casa Verde, nome do restaurante da família Traslatti, a caminhada noturna oferece, como proposta central, andar por uma trilha de 600m, no meio da mata, sozinho, com o auxílio apenas de um fio de arame. Além disso, ao final da trilha é servido um jantar preparado em fogo de chão à luz da fogueira. Se a noite estiver estrelada, o deslumbre é maior ainda. Dependendo das referências do leitor, a experiência pode até sugerir algo caro, refinado, tamanho o cuidado que se tem. Mas não. Tudo é feito de forma simples, segura, e por um preço justo de R\$ 50,00 por pessoa, com grupos que variam de 5 a 40. O objetivo da Caminhada, segundo as diretoras Claudia Traslatti e Guadalupe Traslatti - mãe e filha - é fazer um retorno ao tempo

das viagens tropeiras, onde lanternas a pilha não existiam e a comida era transportada embaixo de uma pele de porco, para preservar o alimento.

A caminhada conta, formalmente, com quatro momentos: recepção do grupo, caminhada na trilha, jantar e retorno. Não é anunciado, no entanto, a roda de conversa, um momento para compartilhar as experiências da atividade. O ponto de encontro normalmente é a Casa Verde, sede da empresa, onde a decoração chama a atenção: móveis rústicos, no estilo campeiro, com pele de ovelha sobre alguns bancos e utensílios de cozinha decorando o ambiente. A casa é convidativa, com a reprodução de um ambiente muito valorizado na região, típico de uma família italiana: a cozinha. Entre a parte onde está o fogão a lenha e o local da refeição, onde ficam as mesas, há uma parede sem cortinas, que permite ver o interior com pia, fogão à lenha, armários rústicos e outros utensílios que recordam um “tempo da vovó”. No ambiente onde estão os bancos e mesas, também é servido o café para quem compra as aventuras da empresa, e um almoço aos finais de semana, aberto à comunidade e aos visitantes. Aos fundos, separado por uma porta de madeira e vidro, produtos artesanais são expostos em móveis rústicos: lembrancinhas do local e algumas delícias feitas artesanalmente, como *chimia* (geleia) de morango, de jabuticaba, etc...

Do lado de fora, na frente da casa, o banco embaixo da árvore, a grama verde, aparada, as flores no canteiro e a trilha de pedras compõem um cenário convidativo e calmo.

Outra possibilidade é que o encontro seja feito na frente da Igreja (FIGURA 5). Segundo Guadalupe, “ali tem banheiro, a árvore Criúva e a própria Igreja, que é bem bonita. Assim, aproveitamos melhor a cidade”.

Figura 5 - Igreja de Criúva

Fonte: Da Autora.

Em alguns momentos, antes da caminhada, é possível que o grupo seja levado para conhecer outro ambiente da família: o Miniparque, como Claudia carinhosamente o chama. Neste ambiente, elas realizam gincanas e atividades empresariais. É um lugar lindo, uma espécie de sítio. Na entrada, a porteira de madeira precisa ser aberta manualmente. Descemos a pé por uma pequena estrada de chão com britas. Ao final da estrada, do lado direito, uma casa de madeira, feita com grossas toras: é onde elas recebem os visitantes. Logo à frente, é possível ver árvores ao fundo, em um morro. Do lado direito, uma casa extremamente charmosa, que curiosamente abriga banheiros e chuveiros. Na frente da casa, um banco e uma mesa de madeira, muito convidativos... Mais ao fundo, figura uma casa de alvenaria, pintada na cor laranja. Por ser diferente dos demais ambientes, sugere um local reservado, não aberto ao público.

Também nesse ambiente, é possível ver uma tirolesa, em construção na época em que visitei. Dentro da casa onde elas recebem os convidados, mais móveis rústicos com decoração campeira. Atrás, separado por cercas, uma grande área de terra, composta de grama e pasto, abriga outra preciosidade, aos fundos: a casa subterrânea, construída para mostrar como os indígenas (bugres) que habitavam antigamente aquela região, se acomodavam. A ideia, em geral, é

apresentar um pouco do mundo da Casa Verde - Criúva Operadora, enquanto o dia não escurece. Neste ponto, é interessante observar o que a pesquisa inspira para o Turismo. O cuidado com o outro, o andar calmo e a atenção aos detalhes criam uma atmosfera acolhedora, importante para situações em que o sujeito está em movimento e em estranhamento, como é o caso da atividade turística.

A caminhada começa após o pôr do sol. O trajeto até o local pode ser feito a pé ou com o veículo dos turistas. Ao chegarmos, além do Condutor⁵ que nos acompanha, podemos ser recebidos por mais um integrante da família, que serve como equipe de apoio ao turista na organização da caminhada. Enquanto isso, outro integrante prepara o jantar, na mata. Nesse momento, já não se vê mais nada. Os Condutores esperam todos se reunirem para começar as instruções: Primeiro, informam que o grupo se dividirá em dois. Cada um seguirá para trilhas diferentes. O caminho até o início da trilha deve ser feito de mãos dadas, até chegar ao fio. A partir desse momento, eles ressaltam que é muito importante não soltá-lo. O motivo: durante a caminhada, é comum um sentimento de medo, aflição. Nessa situação, caso a pessoa se perca do fio, por desespero, pode não conseguir encontrá-lo novamente. Depois, no início da trilha, o operador libera os integrantes do grupo, um a um, com um intervalo de mais ou menos 3 minutos entre uma pessoa e outra. Antes de iniciar a caminhada, mais instruções: seguir sempre adiante, com calma, curtindo o momento. Para os que ficam, recomenda-se o máximo de silêncio.

O terceiro momento é composto pela trilha em si, do sujeito com ele mesmo. Aqui é onde o estudo deste trabalho se atém, em termos de análise. Para alguns, a coragem e o desafio é o que orienta. Para outros, as lembranças de infância dão um tom de nostalgia e aventura. São 600m de trilha que parecem quilômetros, dizem alguns participantes. As conversas internas e o exercício de outros sentidos do corpo para suprimir a falta de visão acompanham a caminhada. No capítulo 5, faço uma análise do momento.

Após a trilha, ao chegar na clareira, o fogo da comida que cozinha sob tijolos, num fogão improvisado no chão, sinaliza para o jantar que está sendo preparado. Aos poucos, o grupo vai se recompondo, com a chegada dos itinerantes. As conversas, enquanto o jantar fica pronto, compartilham experiências, simulando um

⁵ Termo utilizado pela empresa para se referir à pessoa que acompanha os turistas durante os passeios.

ambiente familiar... Enquanto isso, alguns escapam de tudo, com o pensamento ao longe.

Após o jantar (arroz tropeiro, queijo, linguiça campeira e pão) a sobremesa (paçoca caseira) e o café de bule, o convite é para a conversa em roda, elemento surpresa, visto que não é anunciado no roteiro formal. É a hora do *Feedback*, como Claudia costuma chamar. Aqui, todos compartilham as experiências que tiveram. É um momento para praticar a escuta e a fala, aprender com o outro.

O retorno acontece também no escuro, pela trilha. Dessa vez, em grupo, o que torna a experiência mais leve e divertida, reforçando a ideia de que somos mais fortes quando andamos juntos. Ao chegar na Casa Verde novamente, mais um café é oferecido. É hora de voltar para a estrada, rumo ao conforto e segurança do lar.

3.1 CASA VERDE E CRIÚVA OPERADORA: EXPRESSÕES DO INTERIOR E O MAPA NOTURNO

O que é o interior? Ouvei o questionamento, em aula, certa vez. Quando adolescente, achava-o chato e entediante. Não via graça alguma em visitar as casas em que meus pais nasceram, no interior da cidade, onde até hoje a internet e rede de celular é escassa. Com o passar do tempo, fui aprendendo a gostar, a apreciar o cantar dos pássaros, que remete a uma vida menos mecânica, conforme sugere o barulho de veículos automotivos e outras máquinas presentes em maior escala no ambiente urbano. Hoje, considero o interior uma espécie de retorno, caminho sem atalhos para o nosso próprio interior. Um convite ao sossego, à natureza, à criatividade. Mas o que é interior, fora desse meu imaginário⁶? Recorro ao dicionário. “Parte central de um país: o interior do Brasil”, ou ainda “Que se refere à alma, à natureza moral: sentimento interior” (DICIO, 2018). As duas definições me parecem pertinentes. Reconheço, também, um interior menos poético, marcado, por exemplo, pela extração de minerais, que teve sua paisagem modificada pela presença de máquinas e caminhões, conforme sugere o estudo de Gonçalves (2004) sobre a modificação econômica na região do Vale do Aço e Rio Doce, em Minas Gerais. No

⁶ Susana Gastal (2005) denomina imaginário o “sentimento construído em relação a locais e objetos (e, por que não, pessoas?” (GASTAL, 2005, p. 12). Assim, conforme explica a autora, as pessoas, por seu imaginário, classificam o local em “perigoso”, “romântico”, “bonito”, “civilizado”, etc.

entanto, não é desse imaginário que o interior desse texto se ocupa. Em Criúva ou até mesmo em Veranópolis, Carlos Barbosa e Garibaldi – cidades da Serra Gaúcha onde já morei ou visitei - ao observar as brincadeiras, a comida preparada, as conversas e amizades que circundam o ambiente, expressões como carinho, cuidado, e amorosidade tornam-se presentes.

Faço essa reflexão porque, ao que posso observar, é a expressão desse interior de natureza “bruta”, mais orgânica e até poética, que acredito fazer parte do *modus operandi* da Casa Verde - Criúva Operadora de Aventura. As semelhanças do negócio com as características desse interior estão nas delimitações geográficas e figuradas, como se a característica do ambiente ao seu redor ajudassem a definir a sua própria natureza: uma empresa pequena, situada fora do eixo industrial e urbano, bem cuidada e com expressões de amorosidade que não ofuscam a *braveza* característica da italianidade⁷, presente na região e também na estrutura familiar de muitos que vivem ali. A própria maneira como o negócio foi se formando sugere isso, como veremos a seguir.

A história das duas empresas tem início em 1998. Segundo as diretoras Claudia e Guadalupe Traslatti, naquele ano, surgiu a oportunidade de assumir um negócio quando o restaurante que ficava em frente a casa onde moravam declarou falência. Vendo que a demanda era grande e que muitos turistas que procuravam o local ficariam na mão, Claudia e Átila⁸, seu marido, resolveram assumir o negócio. Assim surgiu o “bodegão”, como chamavam. Ali, vendiam de tudo: mantimentos, bebidas, carne, lanches, refeições... Após alguns anos, com a inauguração do mercado *Ponto Ideal*, que vendia mantimentos iguais aos deles, a demanda por esses produtos ficou saturada. Claudia diz que já não se entendia muito bem com os proprietários do local onde ficava o ‘bodegão’. Então, resolveram transformar o que antes era o galpão da sua casa, no que hoje é a Casa Verde, com a função apenas de restaurante, o que ocorreu por volta do ano 2000. Segundo ela, o nome foi sugestão de uma prima e faz referência à própria casa onde o casal e os filhos moravam: uma casa de cor verde, que fica ao lado do restaurante. Os anos

⁷ Não se pretende, aqui, aprofundar o conceito de italianidade. O termo está sendo utilizado com base na discussão feita pelo Mestre em Turismo e Hospitalidade pelo PPGTURH Carlos Leoni, também pesquisador do Amorcomtur!, que percebe a italianidade “por meio das características dos atravessamentos desse sujeito [...] entre elas, a hospitalidade, a amorosidade e a calorosa acolhida” (LEONI, 2017, p. 17). A *braveza*, portanto, é característica calorosa que remete à força que os imigrantes desenvolveram em seu processo de adaptação e reconhecimento em outra cultura.

⁸ O marido de Cláudia, Átila, faleceu em 2014, deixando um legado para esposa e filhos.

passaram, os filhos começaram a iniciar a vida profissional, a economia estava mudando e a necessidade de diversificar o negócio surgiu. “*Até porque eu estava ficando cansada de só cozinhar*”, declara Claudia. Como a família sempre fez atividades ao ar livre e estava recebendo turistas em seu restaurante, a ideia de fazer da atividade de família uma renda foi uma decisão natural. Foi então que Claudia e o marido procuraram a prefeitura de Caxias, para falar sobre a vontade que eles tinham em fazer turismo. “*Fomos chamados de loucos*”, declara Claudia. Sem desistir, foram até Bento Gonçalves (RS), que já contava com uma Secretaria de Turismo na época (por volta de 2003). Ali, receberam apoio para investir em uma pousada e dar os primeiros passos com os passeios. A partir desse momento, a família buscou profissionalização. Guadalupe, que já estava cursando Turismo, tirou os certificados necessários para oferecer passeios com segurança. Ela comenta que essa medida não foi apenas uma exigência burocrática, e sim uma preocupação em oferecer serviços seguros para todos os envolvidos - empresa e cliente. Desse modo, surgiu a Criúva Operadora, que atende seus clientes na Casa Verde. Para elas, separar as duas empresas é uma tarefa difícil, pois uma é complemento da outra.

Outra característica que se destaca no negócio da família é a atmosfera de acolhimento. Quando questionada se isso era algo planejado, Guadalupe diz que aconteceu naturalmente.

A gente não esperava que (...) a gente gostasse tanto disso, de bem receber. E aí depois, na verdade, foram surgindo as palavras (...) para traduzir o que a gente *tava* tentando passar para o turista. Mas as palavras vieram depois. A gente fazia, era uma ação natural para nós, e surgiu essa ideia de dizer “bem receber”. Claro, bem-receber. “Turismo de Natureza”, claro, turismo de Natureza, e não Ecoturismo, como o Sebrae tentava trazer. (...) Pra nós soava estranho, assim, “eco”. A gente tem que pensar na ecologia como um todo. (Guadalupe, informação verbal)

Diz, ainda, que a Casa Verde e a Criúva Operadora são empresas de “uma família que se adequou à pressão econômica, mas fez com o coração. Continuou fazendo com o coração” (Guadalupe, informação verbal). O acolhimento ultrapassa também o aspecto presencial. No site da empresa⁹, encontramos a expressão “Nossa família divertindo a sua família ao ar livre!”. Segundo as

⁹ Endereço do site: <http://www.criuvacasaverde.tur.br/quem-somos.php>.

empresárias, o objetivo, com isso, é passar a ideia de que turismo de aventura não é só para ‘gente forte, malhada’. O que elas estão oferecendo é um turismo de família para outra família, para pessoas de todas as idades. Chama atenção, também, na fala de Guadalupe, a compreensão de que não é possível pensar o meio ambiente separado do nosso ecossistema, discussão que faz parte da proposição teórico-metodológica deste trabalho.

Essa orientação faz também com que eles determinem limites de pessoas para atender em todos os passeios que fazem, a fim de não comprometer o equilíbrio entre a segurança, o bom atendimento e a preservação da Natureza. Essa clareza também veio do aprendizado de campo, do dia a dia. Guadalupe conta que, certa vez, abriram uma parceria com uma agência de viagens, que encerrou logo no primeiro grupo que receberam: 80 pessoas vindas de São Paulo. Na ocasião, ela recorda que a compreensão da proposta pela Guia que conduzia o grupo havia sido deturpada, a ponto de pedirem taças de vinho para saborear durante a realização da caminhada. O vinho, de fato, estava disponível. Mas não em taças... A situação saiu do controle, segundo ela. O fato de não conseguirem passar a mensagem para uma guia de turismo soou o alerta de que tinha algo errado ali. Tentaram repetir a ação com outras agências, gaúchas, mas também não deu certo. Em outro momento, na visita do dia 14 de março de 2018, acompanhei uma conversa de Claudia com uma turista. Quando questionada pela cliente sobre os planos de expansão dos serviços que a Operadora oferece, para atender mais turistas, Claudia afirma que isso descaracterizaria o trabalho dela. “A partir do momento que se tem ‘uma multidão’, o ecossistema fica comprometido”, declara. Guadalupe também acredita que esse não é o foco.

Interessante pensar, com esse relato, que a preocupação com o ecossistema surge, aqui, da vivência de pessoas em um pequeno negócio, mas que também pode ser refletida em escalas maiores, onde um turismo massivo se faz presente. Transpondo a situação para a realidade de Foz do Iguaçu (Brasil), por exemplo, que recebe anualmente cerca de meio milhão de turistas, vemos um destino que tem se mantido saudável. Conforme demonstram trabalhos científicos e notícias jornalísticas, o parque consegue manter a sua estrutura e atender todos esses turistas sem ferir o Ecossistema¹⁰. Ao mesmo tempo, a discussão levanta a bandeira

¹⁰ O exemplo figura aqui como provocação para pensar o turismo a partir desses outros olhares, em outros ambientes. Utiliza-se, como fonte de informação, trabalhos científicos, como o de Conte

de como é possível estabelecer relações de hospitalidade em um local de grande circulação de pessoas. Falarei mais sobre esse assunto na seção 4.1.

Também na Casa Verde – Criúva Operadora, a decisão de atender pequenos grupos e manter o negócio estruturado ao redor dos seus criadores, reflete uma melhor experiência para o Turista, além de estar coerente com o Ecossistema como um todo, conforme Baptista (2018) vem propondo na expressão da Responsabilidade Ecosistêmica¹¹. Enquanto isso, o turista vive a experiência entre poucas pessoas, o que desencadeia um contato com o local mais intenso, sem ‘disputa’ para quem vai ver o que primeiro. No caso da Caminhada Noturna, a experiência intensa reflete, também, um maior aprendizado, visto que outro objetivo das promotoras do passeio é incentivar o autoconhecimento. Guadalupe acredita que as atividades promovidas pela empresa mostram o quanto somos capazes de enfrentar os nossos medos. Essa postura, segundo ela, também está inspirada na figura da sua mãe, o que remete a um perfil subjetivo materno, que é de fortalecer os sujeitos colocando-os em situação de desafios com os próprios medos.

Essa trajetória de formação de produtos, de empresa e de pessoas, me inspira a pensar que o Turismo proposto pela Casa Verde – Criúva Operadora é também uma espécie de mapa noturno, uma vez que propõe outro olhar para atividades até então corriqueiras. Ao pensar na proposta empreendedora, por várias vezes a família se deparou com um “porque não”, como a pode ser visto na própria história de formação da Caminhada.

Guadalupe conta que a ideia foi inspirada na vivência de uma família, turistas de Pernambuco, que visitaram a Serra Gaúcha junto com um amigo, e chegaram à Criúva em busca de um Turismo de Natureza. Após as atividades do dia, como a noite estava bonita, a equipe da Casa Verde – Criúva Operadora resolveu propor algo diferente para aquele grupo: um jantar na mata. No caminho para dentro do campestre, o filho e o amigo desta família, que eram militares, se olharam e comentaram que essa atividade lembrava a preparação dos tempos do exército. Cláudia, que sempre foi apaixonada por esses assuntos, perguntou para eles do que

(2013), e notícias como a publicada no Diário do Turismo (2017), para a construção deste olhar. Esses textos estão nas referências bibliográficas deste trabalho.

¹¹ O que está em discussão, aqui, é um jeito de viver em Ecossistema, em um entendimento de que nossas ações afetam não só o ambiente ao nosso redor, como uma cadeia inteira de relações. A expressão é uma das propostas do projeto de pesquisa “Ecossistemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecosistêmica, caosmótica e autopoietica”.

se tratava. Contaram, então, que em certo momento da preparação, os militares colocavam fios no campo de treinamento para uma atividade que aconteceria de madrugada. No escuro, os soldados deviam seguir o caminho do fio. No entanto, o trajeto não era nada fácil: eles tinham que passar por lugares úmidos, estreitos, molhados... Enfim, difíceis. Contam que a atividade dava medo e que alguns colegas se perdiam, sem conseguir concluí-la, tendo que ser resgatados ao amanhecer. Claudia, inspirada pela proposta, resolveu oferecer algo parecido para seus Turistas. Naquela mesma semana, junto com o marido, puxou os fios na mata e chamou um grupo de pessoas, amigos da família, para participar, nos mesmos moldes da atividade que acontece hoje. Após ouvir o feedback das pessoas envolvidas, consolidou a proposta e começou a ofertar como um produto da Casa Verde – Criúva Operadora.

Assim, a família, na sua potência criativa e acolhedora, foi descobrindo, em uma prática hospitaleira e amorosa, outro sentido de viver em relação aos sujeitos e com o ecossistema ao seu redor.

3.2 APROXIMAÇÕES DA PESQUISADORA

Encerro este capítulo pontuando outros envolvimento pessoais que me ajudaram a enxergar Criúva, a Caminhada e a Casa Verde-Criúva Operadora da forma como aqui a apresento.

As memórias e dados acima relatados foram contados a partir das minhas aproximações com Criúva, conforme registros apontados no capítulo dois deste trabalho. Foram quatro aproximações físicas, no total, e mais algumas entrevistas por *WhatsApp*. Em todas as vezes que fui até o distrito, tive contato, de alguma forma, com a Casa Verde - Criúva Operadora.

Na primeira aproximação, em maio de 2017, pude perceber as primeiras marcas do “bem-receber”, expressão utilizada por Guadalupe, que se relaciona com estudos de hospitalidade. Na ocasião, eu tinha me perdido. Estava em Criúva para conhecer o Cânion dos Palanquinhos. Tomei conhecimento do lugar nas primeiras tentativas de organizar uma agenda para realizar a trilha com o PPGTURH. *Afinal, onde fica esse lugar, do qual nunca ouvi falar?*, me questionei. ‘Perguntei’ para o Google, e descobri que essa tal Criúva reservava lindas paisagens... Entre elas, a do

Cânion dos Palanquinhos. Assim, em um belo final de semana de sol, eu e mais três pessoas sentimo-nos inspirados para passear. Sugerí Criúva como destino. Coloquei no GPS, e seguimos. A não ser pela fotografia dos Cânions e da Cachoeira da Mulada, eu não sabia o que encontrar no caminho. É característica minha, essa, de ir descobrindo as coisas conforme se anda... Qualquer semelhança com o meu jeito de ser pesquisadora não é mera coincidência. Entre sinais de GPS perdidos e muitos quilômetros percorridos por estrada de chão, conseguimos chegar ao centro de Criúva, onde nos informamos sobre os Cânions com os funcionários do *Ponto Ideal*, o mercadinho do distrito. Para a nossa surpresa, apenas um deles sabia do que estávamos falando... Comecei a desconfiar se realmente era uma boa ideia chegar lá. Aqui, é possível observar elementos da trama-subjetiva comunicacional, que será discutida mais adiante. Primeiro, antes de sair, há a in(formação) do que o sujeito sabe sobre o destino em questão, em convergência com as tecnologias e dispositivos disponíveis para o deslocamento. Depois, a perda de comunicação com os mecanismos que estavam em rede, e o contato com as pessoas, 'sujeitos do caminho', aliado à sensação consciente-subjetiva de insegurança, que sugere reavaliar os riscos e decidir se é uma boa ideia continuar com o plano inicial. No nosso caso, decidimos, em grupo, que iríamos continuar.

Seguindo as orientações, após mais 10km encontramos uma plaquinha escrita à mão que dizia "Cânion dos Palanquinhos", com uma seta para a direita. É uma pena que eu não tenha registrado em fotografia esse momento. A placa ficava no início de um pasto, onde tinha algumas vacas...

Desconfiados e com a coragem posta à prova, seguimos cuidadosamente para o interior do pasto, até onde o carro permitia ir. Percorremos mais um pequeno trecho a pé, e, ao final, encontramos um pequeno 'precipício'. Embaixo, uma mata fechada. Ao fundo, uma colina, bonita. Olhei para o lado, com decepção. Aquela não parecia a entrada certa. Sugerí recuarmos e seguirmos mais para frente. Incrivelmente, todos concordaram. Afinal, eu era a 'guia'. Por fim, sem sucesso, optamos por voltar. Ao chegar novamente no centro do distrito, descobrimos a Casa Verde. Queríamos um local para almoçar... Foi quando conheci Guadalupe. Muito prestativa, ela me explicou que o almoço ainda estava sendo servido. Expliquei para ela toda a minha peregrinação. Naquele momento, eu já refletia sobre a fragilidade de divulgação e sinalização do local. Ao comentar com Guadalupe dessa dificuldade, ela declarou que há certo desinteresse da prefeitura em investir mais na

região, embora hoje a sinalização já esteja muito melhor do que foi um dia. Ela lamentou que não tivéssemos nos encontrado antes, para explicar como chegar aos Cânions. Por fim, optamos por não ficar para o almoço. Antes de voltarmos, ela sugeriu que conhecêssemos a Ponte do Korffe, outra referência turística do local, e explicou sobre as demais atividades que realizavam (canionismo, trilhas, etc). Lembro-me de ficar positivamente surpresa com a forma como fomos recebidos.

A minha segunda aproximação com Criúva e com a caminhada, efetivamente, foi através da atividade de integração com o PPGTURH, em dezembro de 2017. Como o passeio estava sendo organizado pelo grupo, dessa vez eu não me preocupei com o deslocamento até Criúva, que seria feito através de uma van alugada por nós. A minha única preocupação, neste sentido, foi me vestir adequadamente para a proposta da trilha: tênis, calça leg comprida, uma blusa leve por cima e um casaco fino, para me proteger dos insetos e do frescor da noite. O peculiar dessa aproximação foi a descoberta que a trilha seria feita totalmente no escuro. Na minha imaginação, teríamos o auxílio de lanternas ou pequenos *leds* de luz durante o trajeto... Não, nada. Nesse momento eu entendi porque todos estavam tão ansiosos...

Em termos de momento de pesquisa, na época eu seguia fazendo investigações sobre a desterritorialização nas viagens que as pessoas faziam. Entrevistava, conversava, a fim de identificar um grupo ou uma forma de trabalhar os elementos que eu estava propondo (trama comunicacional, subjetividade e desterritorialização). Fui preparada para fazer anotações, e gravei várias situações e conversas daquele dia. No momento de realizar a trilha, eu já estava convencida de que tinha muita coisa para analisar ali. No entanto, foi com a roda de conversa, no final, que as coisas se confirmaram. Os depoimentos dos colegas se encaixavam perfeitamente com os elementos de subjetividade, comunicação e desterritorialização da pesquisa. Finalmente, eu tinha um objeto para analisar.

A partir dessa experiência, preparei a ação investigativa que aconteceu no dia 14 de março, no qual esse trabalho se detém em termos de análise.

Em síntese, esses momentos de aproximação me permitiram observar o processo de desterritorialização, e a presença da trama comunicacional-subjetiva, aliado à prática de um turismo amoroso - reflexões que orientam as bases teóricas desse trabalho.

Agora que o campo da pesquisa foi apresentado, iniciamos a jornada teórica, numa aproximação com autores e discussões que me orientaram durante todo o processo. O próximo capítulo é sobre o Turismo, base para a discussão do objetivo um e dois desse trabalho:

(1) Apresentar aspectos do cenário subjetivo e comunicacional, envolvido com a trama turística;

(2) Discutir os conceitos de desterritorialização, em sua transversalidade com o turismo.



4 SINALIZADORES DO PERCURSO: TRILHA TEÓRICA DA PESQUISA

Conforme sinalizado no capítulo anterior, faz-se agora um entrelaçamento com a trilha teórica da pesquisa, ainda fazendo referência à caminhada, só que, dessa vez, à caminhada da pesquisa. Por diversas vezes, presenciei, em grupo, enquanto falava sobre a Caminhada Noturna, a associação do 'andar no escuro' com o próprio andar da pesquisa. É comum, ao falarmos sobre a trilha, a identificação com a desterritorialização do sujeito no processo investigativo. Às vezes, nos apavoramos com a situação e não conseguimos perceber os sinais. Por outras, estamos tão sensíveis que tudo nos toma com uma intensidade irreconhecível. De qualquer forma, o processo todo é aprendido. Conforme já sinalizado, essas reflexões levam a fazer uma associação aos estudos de recepção de Barbero (1987), especificamente na passagem referente à construção de um mapa noturno, em que o autor sugere que é preciso refazer o mapa de conceitos básicos, mas que isso só é possível, se mudarmos o lugar, mudarmos o ponto a partir do qual as perguntas são formuladas. Com isso, o autor defende que as margens sejam tratadas como enzima, não como tema.

Não se trata de carnavalizar a teoria - mas não que isto não seja necessário - e sim de aceitar que os tempos não favorecem a síntese, que só podemos pressentir e suspeitar que existem áreas ainda inexploradas mesmo na realidade mais próxima. (BARBERO, 1987, p. 288)

O encontro com autores e com a própria essência da pesquisa por vezes acontece assim, nas margens, pelas beiradas, traçando caminhos que foram trilhados por alguém, até que se descobre o novo. Dali por diante, é preciso seguir sozinho, descobrindo pistas e traçando novos mapas. Neste sentido, é sempre um desafio se apropriar dos temas, complexos, que emergem em cada encontro, cada curva. Está presente, aqui, a relação de corpos complexos que se entrelaçam com o universo de autores como um todo, não apenas com suas partes.

4.1 TURISMO, AUTOPOIESE E TRANS(FORMA)ÇÃO

Entre o meu ingresso no mestrado e a produção deste texto, percorri um denso caminho. Conheci o *Grand Tour*, a organização das viagens de Thomas Cook, o turismo de massas de Boyer (2003), as diversas fases teóricas do turismo analisadas por Panosso (2005), além de outros textos¹² produzidos por pesquisadores contemporâneos, que problematizam os estudos do Turismo. Esse mergulho me permitiu perceber que o Turismo e a Comunicação têm muito em comum, em suas teorias: ambos começaram a ser estudados sob uma lógica imperativa-mecanicista, econômica, preocupada em quantificar a atividade, medir retornos. Acontece que, nos dois casos, estamos falando de pessoas. De pessoas que se relacionam entre elas, com o lugar, com o espaço, com o seu próprio interior, com a lógica econômica vigente... Sendo assim, a discussão que faço no Turismo agora tem uma dose de complexidade, pois tende a ver o todo, e não as partes. Segue uma linha de discussão iniciada na graduação em Comunicação Social, transdisciplinar. Ela não cabe em fórmulas e sistemas fechados: é complexa, como a proposta de Moesch (2004), para o Turismo; como o *Caos*¹³, de Morin (2013). Com isso, pretendo criar uma base de discussão para pensar a comunicação e a desterritorialização, na sua relação com o Turismo.

Para Moesch (2004), o Turismo

(...) é mais que a soma das partes de um sistema, composto pelos seus subsistemas (ecológico, cultural, de serviços e infra-estrutural). Um todo é mais que a soma das partes que o constituem. Assim, o conhecimento simples, de um fazer-saber turístico, não ajudam a conceber as propriedades do conjunto. (...) O fato de que há um fenômeno turístico faz com que as qualidades de tal ou qual sujeito turístico não possam ser explicadas plenamente em sua totalidade, assim, o todo é, então, menos que a soma das partes. (MOESCH, 2004, p. 458)

Essa postura está coerente com outra, também holística, que Morin e Kern (2005) ajudam a refletir. Para os autores, o mundo faz cada vez mais parte dele

¹² Inclui-se, aqui, o livro “Um outro turismo é possível?” (2005) e “Olhares Contemporâneos sobre o Turismo” (2004), de Marutschka Moesch e Susana Gastal.

¹³ Para o autor, o Caos é a junção da Ordem, Desordem e Organização, contrário à noção de desordem, bagunça. É um caos contemporâneo, onde a emergência de intensidades abstratas cria campo de forças “que não só interferem nos fenômenos, mas, muitas vezes, tendem a conduzi-los”, conforme explica Baptista (2014c, p. 4). MORIN, 2013, p.8

mesmo, e os sujeitos, uns dos outros. Com isso, cada um de nós recebe e carrega informações de um mundo inteiro. É bonito pensar assim. Mas, mais que isso, é uma abordagem que vem ganhando força, sobretudo, no campo da física quântica (FRITJOF CAPRA, 1996), e nas relações da micropolítica, movidas pelo desejo (GUATTARI E ROLNIK, 1996). Pensar numa proposta de ensino e turismo mais humano, conforme propõe Moesch (2004), requer compreender, também, que os sujeitos envolvidos são sujeitos complexos, e, portanto, transversalizados pelas coisas do mundo.

Moesch (2004) enxerga, ainda, nos estudos interdisciplinares, a necessidade de construir uma unidade ética, que vise integrar, de forma comprometida, o ensino e a pesquisa com o desenvolvimento de um Turismo sustentável e humano¹⁴. Entendo, com isso, que o Turismo precisa se unir em torno de uma missão, que é a de trabalhar para sensibilizar; para socializar, no lugar de individualizar. Como um acordo entre partes. Para isso, acredito ser fundamental a compreensão de que não somos sujeitos sozinhos no mundo, independentes uns dos outros. Conforme esclarece Morin e Kern (2005, p. 36), “Para melhor ou para pior cada um de nós, rico ou pobre, traz em si, sem saber, o planeta inteiro. A mundialização é ao mesmo tempo evidente, subconsciente e onipresente”.

Por conta disso, uma expressão do Turismo tem me provocado, em termos de reflexão. Trata-se da compreensão de que essa área seria capaz de promover o entendimento e a paz mundial. Essa visão, segundo Barreto (2004), é expressa pela própria ONU, em meados de 1960. A proposta pode até soar ingênua, mas faz sentido no universo dos estudos de amorosidade e de hospitalidade. O que está em jogo, aqui, é pensar diferente de uma lógica de naturalização da violência e da natureza perversa da humanidade. Hoje, já existem estudos que demonstram que a natureza, não só humana, mas dos animais e até mesmo do cosmos, é de cooperação, conforme destaca o documentário “CROSSROADS: Labor Pains of a New Worldview”¹⁵ (OHAYON, 2012), que ajuda a pensar o momento que estamos

¹⁴ A autora faz referência à interdisciplinaridade, no entanto, neste trabalho, a perspectiva teórica está orientada pela transdisciplinaridade, que se diferencia por apresentar “esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, às vezes com tal virulência, que as deixam em transe” (MORIN, 2003, p. 115). Importante, neste sentido, ressaltar que não há um posicionamento contra a interdisciplinaridade, mas que a orientação principal, baseada na perspectiva esquizoanalítica, sugere uma apropriação expressa na ideia de um *corpo sem órgãos* (DELEUZE; GUATTARI, 2004).

¹⁵ Encruzilhadas: Dores do Parto de Uma Nova Visão Mundial.

vivendo e provoca cada um a pensar nas mudanças necessárias para um futuro mais saudável, em todos os sentidos. Segundo o cientista social James Fowlerk,

É o tipo de visão do “super organismo humano” que começou a mudar o modo em que pensamos a respeito de nós mesmos como seres humanos. Nós somos conectados. Somos conectados da forma como estas ou outras espécies são. Como cardumes de peixes e bandos de pássaros. (FOWLERK in OHAYON, 2012)

Neste sentido, tenho pensado que, para que essa *missão* seja concluída, muitos fatores devem ser levados em conta, até mesmo porque a condição de *paz* precisa vir de um acordo entre todos os envolvidos, e não depende somente da atividade Turística em si. No entanto, considerando uma abordagem transdisciplinar e uma lógica de co-responsabilidade, acredito que contribuições na forma como nos apresentamos e relacionamos podem ser feitas para atingir tal objetivo. Para corroborar com essa reflexão, me inspiro na própria Criúva Operadora – Casa Verde, em relação à postura e valores que a empresa adota, uma vez que, em todas as visitas que realizei, o aspecto “acolhimento” foi muito ressaltado. Portanto, considero essa expressão como fator de orientação para essa discussão¹⁶.

Uma das referências de análise, neste sentido, é a abordagem de Alfonso Martínez, apresentada por Panosso (2005, p. 73). O autor propõe que o Turismo deva proporcionar aos turistas condições para que a sua saída da vida cotidiana resulte em experiências gratificantes. Para isso, a comunidade que recebe os turistas deve se beneficiar da proposta também. Desta forma, entendo que é necessária a presença de um desejo, na comunidade que recebe, de que o local seja promovido como destino turístico. No caso da Casa Verde – Criúva Operadora, esse desejo parte da própria família Traslatti, conforme sinalizado no item 3.1 deste trabalho, mas não aparenta incomodar a comunidade local, até mesmo porque a demanda de turistas é modesta. É diferente, no entanto, do que temos visto

¹⁶ Embora a reflexão principal deste trabalho esteja voltada para os sinalizadores subjetivos e comunicacionais presentes no processo de desterritorialização, na lógica de produção trabalhada pela Cartografia de Saberes, isso não impede que uma reflexão crítica seja feita, desde que os contextos sejam declarados. De toda forma, os assuntos aqui abordados não deixam de ser subjetivos e comunicacionais, considerando a perspectiva da Esquizoanálise e da Comunicação-trama, que serão esclarecidas mais adiante.

acontecer nas cidades de Barcelona e Veneza¹⁷. Ali, moradores alegam que os turistas estão tomando conta da ‘sua’ cidade, o que suscita campanhas contra a presença de estrangeiros. Conforme destaca Nicholas Cristakis,

Começamos a pensar as emoções como tendo uma espécie de identidade coletiva, como se houvesse uma “debandada” emocional em populações humanas. Uma espécie de motim silencioso que está logo abaixo da superfície a todo momento. Quando mapeamos essa rede, podemos encontrar grupos de felizes e infelizes pessoas na rede, e podíamos também mostrar que pessoas felizes podiam influenciar outras a tornarem-se felizes, e esta felicidade pode espalhar-se de pessoa para pessoa... de pessoa a pessoa. (CRISTAKIS in OHAYON, 2012)

Assim, as emoções da comunidade receptora podem influenciar as próprias emoções do sujeito ali recebido. Aliás, esse é outro fator a ser considerado em torno da reflexão que o Turismo levanta sobre a paz mundial. É um ponto que inspira cuidado e maiores discussões, uma vez que a recepção do sujeito requer, no mínimo, uma relação de respeito entre as duas partes, o que nem sempre acontece. Segundo o antropólogo Jairon G. Guesta,

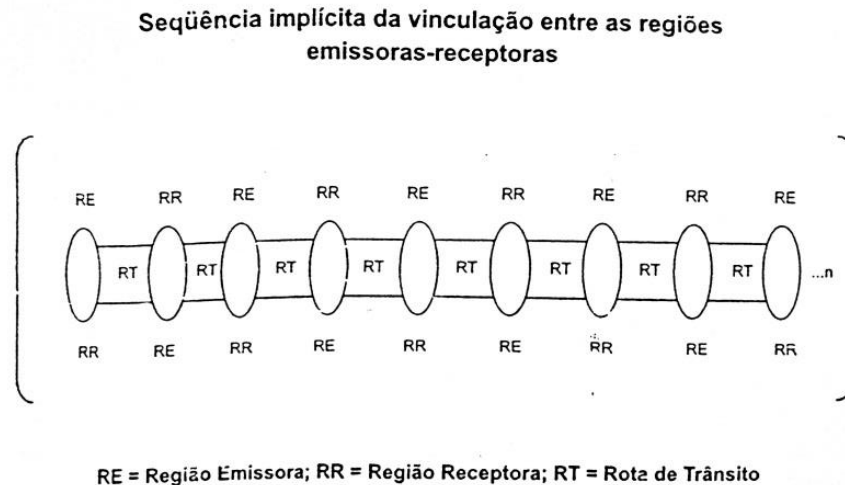
O que vemos no mundo é um reflexo de quem nós somos. Você não pode separar o que está acontecendo no mundo do que está acontecendo nas pessoas. Então não estamos apenas em uma crise na política ou na economia. Seres humanos estão agora em uma crise consigo mesmos. (GUESTA in OHAYON, 2012)

Uma vez que estamos falando de seres humanos em deslocamento, em crise, e vulneráveis às condições da viagem, o emocional do sujeito também fica fragilizado. Considerando que o sujeito teve uma viagem longa e cansativa, um lugar que ofereça um acolhimento humano, vindo de uma pessoa que entende as fragilidades temporárias do outro e se mostra preocupada, pode ser reconfortante. No mínimo, cria uma atmosfera de hospitalidade.

¹⁷ Conforme mostra a série de reportagens “Turismo em excesso – parte 1: Deus me livre ou quem me dera?” da Panrotas. (BIT, 2018a). E o texto “Contra el Turismo”, publicado pelo psicanalista Fabián Ortiz no portal *Metropoli Abierta*. (BIT, 2018b).

Novamente, Panosso (2005) destaca que Martinez reforça essa relação de troca entre Região Emissora (sujeito do turismo), Região Receptora (comunidade visitada) e Rota de Trânsito, através do esquema ilustrado abaixo:

Figura 6 - Sequência implícita da vinculação entre as regiões emissoras-receptoras



Fonte: Panosso (2005, p. 74)

Assim, observa-se que pelo lado da comunidade receptora também pode haver fragilidades. Visto que estamos falando de pessoas, o funcionário ou dono do negócio pode estar passando por um momento delicado na vida, e não conseguir receber, com plenitude, o sujeito que chega; ou, ainda, se irritar ou sentir ofendido com mais facilidade, por alguma atitude do turista, também fragilizado na sua desterritorialização. Ainda assim, quando a trama de hospitalidade é tecida não só pela relação humana, mas também por todo ecossistema contido ali - objetos de decoração, disposição dos móveis, políticas de atendimento/serviço - essa 'fragilidade' pode passar despercebida e não ter muita relevância. É o que diz, por exemplo, Guattari (1992). Segundo o autor,

Em um tal contexto, percebe-se que os componentes os mais heterogêneos podem concorrer para a evolução positiva de um doente: as relações com o espaço arquitetônico, as relações econômicas, a co-gestão entre o doente e os responsáveis pelos diferentes vetores de tratamento, a apreensão de todas as ocasiões de abertura para o exterior, a exploração processual das "singularidades" dos acontecimentos, enfim tudo aquilo que pode contribuir para a criação de uma relação autêntica com o outro. (GUATTARI, 1992, p. 17)

Longe de fazer uma referência do turista a um doente, a relação da citação com o universo desse sujeito está na *forma de tratamento*. Uma vez fragilizado pelo deslocamento em novos territórios, o turista é alguém que inspira, no mínimo, cuidado. Estamos muito habituados às tecnologias e à facilidade de acesso de informação na palma das nossas mãos. No entanto, diante de uma falta de rede 2G, 3G, 4G, wi-fi, ou até mesmo de uma falha no GPS, é preciso recorrer a outro recurso de comunicação, um pouco mais tradicional: a fala. Nesse momento, todo cuidado é pouco. Por parte do turismólogo, o profissionalismo entra em ação. Nos demais casos, o sujeito depende, basicamente, da empatia e boa vontade de outras pessoas - daí a importância da comunidade receptora não se sentir ofendida com a presença de um estrangeiro.

Sobre a atuação profissional do turismólogo, Moesch (2004, p. 487-488) esclarece que

A educação turística tem que ter metodologias (caminhos de por vir), e conteúdos humanizadores, participativos, culturais, pois trabalhamos visando resgatar a poesia da vida, mesmo que ela tenha sido reduzida a algumas horas do fim do dia, nos finais de semana, nas férias, ou na aposentadoria.

Desta forma, penso que necessária é, também, a discussão não apenas de que ‘precisamos humanizar o turismo’, como de que ‘precisamos humanizar as pessoas’. Mais que isso: sensibilizar para o respeito ao ecossistema todo, já que a história demonstrou limites éticos significativos dos sujeitos humanos... Para isso, uma das possibilidades que temos visto com as pesquisas desenvolvidas no Amorcomtur!, é a sensibilização do sujeito através do exercício do que Maturana (1998) chama de amorosidade, condição de Amor. Amor não como aceitação plena e concordância, mas como “[...] emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência” (MATURANA, 1998, p. 22). O autor explica, por exemplo, que não há como criarmos simpatia pelos japoneses que morreram vítimas da bomba de Hiroshima, se não reconhecermos os próprios japoneses no nosso âmbito de convívio, se não nos reconhecermos neles, ou eles como sendo parte de nós.

O primeiro desafio está, então, em “reconhecer o outro como legítimo outro na convivência” (MATURANA, 1998, p. 22). Isso não significa, necessariamente, uma

relação de concordância, ou mesmo de troca, pois o outro pode estar ali e não me ouvir, não interagir comigo (MARCONDES, 2008). Significa, apenas, que aquele outro diante de mim é tão verdadeiro como eu, tem as suas convicções, vontades e necessidades que, mesmo diferente das minhas, merecem ser saciadas.

Maturana (1998) complementa dizendo que o amor é o único fator possível para o estabelecimento de *relações sociais*. Comunidades que se organizam de outra forma são fundadas com emoções diferentes do amor, com ações que, em geral, não levam o outro a aceitação do legítimo outro na convivência. Ele também diz que a negação do amor é o que nos torna cegos, desumanizados, blindados à percepção poética do mundo que nos envolve (MATURANA; VARELA, 1997).

Essa discussão é particularmente importante, porque oferece condições para pensar o Turismo em sua capacidade de transformação ao sujeito envolvido na viagem. *Autopoiese*, nas palavras de Maturana e Varela (1997). Conforme destaca Trigo (2013, p. 22)

Uma viagem é uma ruptura do cotidiano e, ao mesmo tempo, um encontro com nossas expectativas e nossos desejos. Ao nos perdermos no insólito como estrangeiros, “estranhos numa terra estranha”, talvez busquemos sentido e significados em nosso próprio passado, na experiência de vida construída a partir do lugar onde nascemos e começamos a entender a vida e suas coisas misteriosas e fascinantes.

Assim, tem-se como pressuposto para o desenvolvimento desta pesquisa que, quando o sujeito entra em contato com um novo local, forma um ‘outro eu’, um pouco diferente do anterior. Aqui, não falo apenas de experiência positiva ou negativa. Falo daquilo que transforma por dentro, que levamos de aprendizado, dos erros, acertos e frustrações, presentes em toda viagem – da vida e de outras que nos compõem.

A expressão da autopoiese vem de uma análise das relações moleculares, que constituem o ser vivo. Assim, Maturana e Varela (1997) explicam que o ser vivo possui uma condição *autopoietica*, ou seja, de autoprodução, e que isso só é possível porque as moléculas participam de um sistema maior, existem porque se relacionam com outros. A partir disso, os autores reconhecem que é possível realizar a autopoiese em domínios diferentes, como na cultura, por exemplo, onde o sistema autopoietico existe na base das conversações. No Turismo, a autopoiese existe em

relação ao deslocamento, pois, ao fazê-lo, também nos deslocamos internamente, e nos movimentamos em relação ao que vemos lá fora. Desta forma, cada passo que damos remete a um mundo que se movimenta dentro de nós. Conforme explica a psicanalista Rolnik (1989, p. 47-48),

[...] enquanto se está vivo, não se para de fazer encontro com outros corpos (não só humanos) e com corpos que se tornam outros. Isso implica, necessariamente, novas atrações e repulsas; afetos que não conseguem passar em nossa forma de expressão atual, aquela do território em que até então nos reconhecíamos. Afetos que escapam traçando *linhas de fuga* - o que nada tem a ver com fugir do mundo. Ao contrário, é o mundo que foge de si mesmo por essa linha, ele se desmancha e vai traçando um devir - devir do campo social: processos que se desencadeiam; *variações infinitesimais*; rupturas que se operam imperceptivelmente; mutações intermediáveis. *De repente é como se nada tivesse mudado e, no entanto, tudo mudou.* O plano que essa linha cria em seu movimento é feito de um *estado de fuga*.

Essa expressão representa o que ela chama de primeira linha abstrata, que é a linha dos afetos. Esse assunto será retomado na seção 4.3. Neste sentido, o ser humano, enquanto ser biológico é ele mesmo uma expressão de autopoiese, de forma que se reinventa em relação ao outro, a todo o momento. Somos, portanto, responsáveis pela existência e transformação dos outros também. Assim, entende-se aqui a *autopoiese* como autoprodução, a partir de fatores externos que se conectam com fatores internos. Desta forma, “não é que o ser vivo utilize essa dinâmica para ser, produzir-se ou regenerar-se a si mesmo, mas que é essa dinâmica o que de fato o constitui como ente vivo na autonomia de seu viver” (MATURANA; VARELA, 1997).

Outras contribuições de autores do Turismo também são importantes e ajudam a pensar essas relações de transformação. Barretto (2014, p. 52), por exemplo, afirma que aqueles que defendiam as viagens “entendiam que as escolas jamais conseguiriam o mesmo resultado pedagógico permitido pela observação direta dos usos e costumes da política, do governo, da religião, da arte de outras nações”. Nos dias atuais, temos uma visão diferente. A produção turística que vigorou por muito tempo foi construída sobre uma lógica capitalista, que visa mais o lucro do que as relações.

Conforme esclarece Moesch (2004, p. 442),

A preocupação governamental tem sido dirigida à educação do setor empresarial sobre os benefícios econômicos que o Turismo pode trazer, especialmente desde a Conferência Internacional sobre Viagens e Turismo, realizada em Roma, em 1963. [...] Os governos também foram forçados a reconhecer que o Turismo tem custos ambientais, físicos, sociais e culturais que requerem monitoramento, e alguns governos no mundo desenvolvido reconheceram que o Turismo oferece um meio especial de atividade recreativa.

É possível observar sinais de mudança, também, no reforço das discussões e relações de hospitalidade, cada vez mais estudadas em associação ao Turismo. E, ainda, na área do marketing, em abordagens que tratam de pensar os negócios de forma que estejam voltados para o ser humano (KOTLER; KARTAJAYA, 2010). Aqui, destaco um estudo feito por Faith Popcorn (1993), que tem se mostrado cada vez mais atual. Embora escrito há mais de 20 anos, a autora descreve tendências comportamentais que vemos eclodir nos tempos atuais. Uma delas é a presença de uma consciência da necessidade de salvar a sociedade. Segundo ela,

Não é mais possível valer-se da desculpa “eu não sabia”. -- *mas isso há muito tempo!* – Já vimos muitas reportagens de capa na Time e na Newsweek – muitos especiais na televisão e discursos – para saber que o planeta e seus habitantes estão num estado deplorável. (Imagine as reuniões nos jornais e revistas. “O quê? Aquecimento Global? Efeito-estufa? Ética política? Não podemos mais falar sobre isso!”) A nova mais urgente agora já é velha. O perigo é os alertas emergenciais transformarem-se em clichês. O cinismo manifestar-se. Ou um sentimento de impotência. (...) **Fazer o bem não é mais opção – é um dever.** (grifo nosso, POPCORN, 1993, p. 80)

Nessa linha, KOTLER e KARTAJAYA (2010, p. 40) complementam dizendo que “as empresas devem alcançar os consumidores como seres humanos plenos, feitos de alma, coração e espírito”. O objetivo, segundo ele, é não negligenciar o espírito. Com isso, entendo que a valorização e o reconhecimento de um sujeito em suas particularidades, numa linha inspirada pela esquizoanálise, já tem sido sinalizada como ‘ordem de mercado’, e aos poucos ganha espaço em filosofias de empresas, que se refletem em valores, como a Casa Verde-Criúva Operadora.

Outra atitude observada, como sinais de mudança, refere-se ao aumento na procura e oferta por atividades que envolvam uma participação maior dos sujeitos, com foco na experiência, abordada de forma indireta neste trabalho. Aqui, uma ressalva é necessária. É comum, ao falar-se em experiência, a associação com um

cenário de transformação, que trazem mudanças visíveis, com efeitos imediatos para o sujeito. Apesar disso, a transformação que abordamos neste trabalho, na expressão da *autopoiese*, decorre de uma perspectiva fundamentada na micropolítica dos desejos¹⁸. Não se trata de uma transformação idealizada, que pode ser sentida e descrita em palavras, minuciosamente e imediatamente após um dado acontecimento. A transformação, aqui, ocorre em níveis subjetivos, sem controle, de forma que pode vir a fazer sentido ou não, em algum momento. Um exemplo são as nossas lembranças de infância. Atitudes aparentemente insignificantes - como uma flor colhida no quintal da avó para presentear a mãe - tornam-se motivos de lembranças carinhosas anos depois, com o relato da mãe dizendo para o filho, já adulto, que, naquele dia ela estava muito triste, e a atitude dele a fez sentir querida e amada. Desta forma, não é de maneira consciente que o turista sente ou busca essa transformação. Ela ocorre simplesmente porque viver é estar em *autopoiese*, a todo instante.

Assim, nesse cenário de níveis subjetivos e moleculares de mutação e transformação, surge um turista que, conforme Barretto (2014, p. 135), é

[...] um consumidor *cool*, que sabe que muitas coisas que vê não são autênticas, que pertencem à cultura do simulacro, mas não se importa, desde que estejam revestidas de alguma aura que lhe agrade. É uma pessoa cuja confiança não se ganha facilmente, e que já não aceita que um “perito” indique que tipo de atrativo ele deve consumir, que quer movimentar-se entre os contrastes.

Esse turista nada mais é do que um sujeito do século XXI, habitante de um mundo onde as forças ambientais do planeta ameaçam toda e qualquer estrutura; um sujeito que se forma a partir de uma subjetividade “de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 25). Essa constatação contrapõe outra, a concepção de que a formação do sujeito esteja sob o domínio e interferência de ações exclusivamente humanas. É com essa proposta que seguimos para a sessão seguinte, onde serão abordados aspectos do cenário subjetivo e comunicacional, envolvido com a trama turística, coerente com o objetivo específico número um aqui

¹⁸ Guattari e Rolnik (1996) trabalham para desmistificar o poder, as relações, os ‘protestos’ ou, como eles chamam, afirmações do inconsciente. A ideia, em geral, é mostrar que através de pequenas ações políticas, é possível mudar.

proposto: “apresentar aspectos do cenário subjetivo e comunicacional, envolvido com a trama turística”.

4.2 COMUNICAÇÃO-TRAMA-SUBJETIVA

O texto que aqui se apresenta é resultado das reflexões em relação ao sujeito do turismo, de um jeito de percebê-lo como sujeito do mundo, transversalizado pelos acontecimentos da vida. Para começar a discussão, gostaria de estabelecer algumas bases iniciais que compõem a relação da comunicação com o Turismo, como aspectos de orientação do texto.

Nos momentos em que falo que sou formada em Comunicação Social e da minha opção por fazer mestrado em Turismo e Hospitalidade, é comum um olhar de estranhamento, surpresa, seguido de um questionamento: “Mas por que você saiu da Comunicação?”. Respondo, sorrindo: “Eu não saí da Comunicação. É por gostar tanto dela que me propus a aproximá-la de outras áreas”. Admiro, sobretudo, o cuidado empregado na mensagem que estamos emitindo para o outro; as variações na forma como esse outro recebe a mensagem. Compreendo a importância de ter sensibilidade, amorosidade, empatia... É fácil, então, a relação com a discussão anterior.

Portanto, quando falo em Comunicação, estou falando dessa Ciência que não é fechada nela mesma. Estou falando, principalmente, de uma comunicação-trama, entrelaçada com sujeitos complexos, “composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorpórais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos” conforme propõe Baptista (2000b, p. 33-34). É uma Comunicação que se derrama por aí, nos olhares, nos gestos, na *subjetividade*.

Ao considerar que a comunicação “pode ou não ser mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias” (BAPTISTA, 2000b), o sujeito tem também o *poder* de se comunicar e ser agente transformador da realidade ao seu redor. Esta visão se aproxima, ainda, da proposta por Ciro Marcondes Filho, que defende a comunicação como uma relação, uma ocorrência, um *acontecimento*. Para ele, a comunicação só faz sentido se provocar uma mudança no outro, que recebe a mensagem (MARCONDES, 2008).

O que torna a comunicação complexa, nesta visão, é justamente essa multiplicidade de relações que há entre os corpos de todos os tipos. Daí a necessidade de migrar para outras áreas, a fim de investigar o que tem acontecido com essa Ciência, em outros aspectos, como nas relações entre visitantes e visitados, no Turismo. Daí, também, o desejo de encontrar expressões da Comunicação nos sujeitos, nas relações que são estabelecidas, a fim de identificar em que níveis de subjetividade ela atua.

Para isso, é necessário entender de onde vem a proposta da subjetividade, que acompanha a formação do sujeito. Segundo Guattari e Rolnik (1996, p. 31)

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização - ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica - não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microsociais), nem em agentes grupais. **Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual** (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), **quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal** (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e de produção idéica, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.). (grifo nosso)

Desta forma, é possível pensar uma comunicação-trama-subjetiva, que leva em consideração tanto os entrelaçamentos do sujeito com o mundo (sujeito-trama), quanto essa dimensão maquínica e heterogênea que o transversaliza, que não é possível captar por mecanismos duros, que só ganha sentido com a nossa percepção de sujeitos atuantes no mundo. O que aqui se segue, propõe uma abordagem onde há uma transversalidade da trama comunicacional com a trama subjetiva que constitui, assim, o sujeito-trama, sujeito do turismo, conforme proposto por Baptista (2014a)

Neste sentido, entende-se que a trama comunicacional, ou o que Guattari e Rolnik (1996) chamam de Equipamentos Coletivos, constitui-se de diversos dispositivos de comunicação, tais como o rádio, o jornal, a TV, revista, filmes, internet... Enfim, todos agentes de enunciação, que “teleguia, codifica as condutas, os comportamentos, as atitudes, os sistemas de valor, etc” (GUATTARI; ROLNIK,

1996, p. 124). Esses equipamentos, por sua vez, “[...] operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes” (GUATTARI, 1992, p. 14). Guattari (1992) orienta dizendo que, para a produção da subjetividade, existem três dimensões maquinicas atuantes de forma concomitante. A primeira delas, segundo o autor, diz respeito a componentes semiológicos significantes. Esses componentes se revelam por meio da família, da educação, do meio ambiente, religião, arte, esporte, etc. Há, também, a presença de elementos fabricados pela indústria midiática. O psicanalista explica que se trata de enunciados, discursos produzidos por diferentes dispositivos de comunicação (TV, impressos, rádios, aplicativos de celular, etc). Interessante lembrar que, na Comunicação, a teoria da *Agenda Setting* ajuda a pensar de que forma os dispositivos midiáticos pautam as discussões de uma sociedade. Aqui, é fundamental entender que a produção midiática é feita por intermédio de um grupo de pessoas que, por sua vez, fazem suas escolhas. A terceira dimensão que Guattari (1992) apresenta, diz respeito às dimensões semiológicas a-significantes. Segundo o autor, o que está em jogo, nessa dimensão, são máquinas informacionais de signos, que funcionam de forma paralela ou independente por produzirem ou veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente linguísticas. Trata-se de uma dimensão em que o sujeito não encontra significado. Uma dimensão em que ele sente, mas não sabe explicar o que está acontecendo.

Assim, essas dimensões atuam de forma concomitante e subjetiva e se expressam no sujeito, ao longo da sua formação, nos mais diversos momentos, conforme veremos na análise dos sujeitos da Caminhada Noturna (capítulo 5). Desta forma, os elementos dispostos na trama comunicacional atuam como um

[...] conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e ou coletivas estejam em posição de emergir como *território existencial* auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva. (GUATTARI, 1992, p.19)

Embora a trama comunicacional seja capaz de criar um campo de “mensagens comuns”, como se pequenas tribos entoassem um hino próprio, ela

também se relaciona com o sujeito em seus níveis singulares, internos, se considerarmos a comunicação

[...] como o momento do encontro. E esse momento não só como aproximação de quem “vai ao encontro de”, mas também no sentido de um múltiplo “ir de encontro a”. Nessa espécie de jogo, emissores e receptores encontram-se, vivem encontros e, se a comunicação realmente existir, nenhum dos dois será o mesmo depois desse encontro. (BAPTISTA, 1996, p. 33)

Com isso, as mensagens emitidas viajam no tempo como se dançassem para uma grande plateia. Todos veem o espetáculo no momento em que ele está acontecendo, mas cada um vai entender o que está sendo comunicado, através do movimento dos corpos, de uma forma diferente. Isso porque

O sujeito se forja e só existe na relação com o outro. E esse outro não é formado só por outras pessoas. Esse outro é múltiplo, heterogêneo, composto de várias matérias, uma verdadeira trama de existências. É nessa trama que o sujeito existe. Assim, a existência do sujeito está comprometida com essa trama de entrecruzamentos e não é possível pensá-la de outro modo. (BAPTISTA, 1996, p. 60)

Assim, a mensagem comunicacional se relaciona com cada sujeito de forma particular, uma vez que, ao “encontrar-se” com ele, encontra-se, em essência, com a sua *trama existencial*. É nesta trama que a mensagem adquire significado ou não. Com isso, percebe-se que o sujeito não é meramente submisso ao que lhe é exposto. O julgamento de valor acontece a todo o momento, mesmo que ele não se dê conta disso.

Temos, portanto, a disposição de um sujeito-trama, imerso em uma realidade submissa a uma *engrenagem maquinica*, a qual é configurada por diversos agentes (governo, família, trabalho, amigos, religiões) e representada pela trama comunicacional. O termo *engrenagem maquinica* é utilizado por Baptista (2000a, 2014c), para representar o conjunto de engendramentos, a partir de fluxos e ações visíveis e invisíveis, com acionamentos de materialidades e imaterialidades, mas que, segundo ela, vem alterando os planos de confluência dos sujeitos e processos, significativamente. A expressão faz referência à estrutura social vigente como uma espécie de *máquina*, no sentido indicado por Guattari (1992). A máquina proposta pelo autor é abstrata. Reúne visões mecanicistas, vitalistas, cibernéticas, autopoieticas... Todas discutidas por diversos filósofos. Possui uma ‘estrutura’ com ciclos de retroações, *inputs* e *outputs* que a fazem funcionar e retornar ao estado inicial. Possui, ainda, uma espécie de *desejo de eternidade*, de nunca morrer, que se

contrapõe ao desejo de abolição que a máquina tem – de ter chegado ao seu limite. A máquina de Guattari (1992) não é composta apenas por componentes mecânicos. Porém, sim, tal qual uma máquina mecânica, ela dá pane, é catastrófica, vive ameaçada pela deterioração e sofre quando seu fluxo é interrompido.

O principal, na compreensão da máquina de Guattari (1992), é entender que ela não está separada em peças, não possui uma estrutura habitual. Os seus engendramentos são conjuntos de um sistema único, com um ciclo absoluto. Acontece, neste sentido, que a cada momento que um conjunto se reinventa, ele reinventa a máquina como um todo. Assim, “Os diferentes componentes são levados, remanejados por uma espécie de dinamismo. Um tal conjunto funcional será doravante qualificado de agenciamento maquínico” (GUATTARI, 1992, p. 47). O termo agenciamento, segundo o autor, não tem uma ligação de ‘passagem’, e sim de ‘campo de possíveis’, que possibilitam a máquina existir com outra coisa, e ainda assim ser máquina. A questão é que, uma vez afetados, os agenciamentos que permitem que a máquina continue funcionando agem diferentes, reinventados. Conforme explica Guattari (1992, p. 49), “esse núcleo autopoiético da máquina é o que faz com que ela escape a estrutura, diferenciando-a e dando-lhe seu valor”.

Fazendo referência com a proposta deste trabalho, é possível pensar que cada engendramento seja um ‘sujeito’, mas não um sujeito pessoa. Trata-se de enxergar cada ecossistema-sujeito como uma coisa só. Assim, na Caminhada, por exemplo, a Casa Verde - Criúva Operadora é um sujeito, a mata é outro sujeito, a casa onde somos recebidos, o distrito, o grupo de pessoas... Todos são sujeitos, engendramentos maquínicos, que não se desfazem em partes: são componentes de um único sistema. Mais uma vez, faço referência à discussão de ecologia profunda, discutida por Baptista (2018). Por isso, esses sujeitos são submissos a uma estrutura, e, por mais que queiram escapar, continuarão fazendo parte dela. No entanto, isso não significa que não há possibilidades de mudanças. Aqui, elas ocorrem de um jeito singular. Quando uma peça muda seu curso, seu ritmo, as peças que estão ao redor, conectadas a elas, precisam acompanhar. Daqui vem a percepção de que somos sujeitos conectados uns com os outros, que ganha força, também, com os estudos de Capra (1996).

Neste sentido, entende-se que o sujeito-trama, no seu deslocamento, passa a ser o sujeito do turismo, que, por sua vez, não pode ser interpretado alheio às condições descritas anteriormente. Para oferecer serviços coerentes com o que ele

precisa, é necessário entender que ele também é trama, portanto, sujeito a alterações emocionais e existenciais, especialmente em uma viagem, que se constitui estranha e complexa. Antes de tudo, é necessário entender que a comunicação se faz, independente do estado de espírito dos comunicados; ela se efetua, em algum nível, ainda que seja para depois se tornar insignificante.

Com essa reflexão, seguimos para a terceira e última trilha teórica, coerente com o objetivo dois desta pesquisa: Discutir os conceitos de desterritorialização, em sua transversalidade com o turismo.

4.3 DESTERRITORIALIZAÇÃO: CAMINHOS DO SUJEITO DO TURISMO

Chegar à noite em um Vilarejo distante, sem a percepção de seus arredores ou cenários, é como mergulhar em um estado de perda de referências. Então emerge a necessidade atávica de responder prontamente ao desconhecido que, geralmente, abriga ameaças subliminares e perigos latentes.
Luiz Carlos Trigo, A viagem

Em termos de compreensão da discussão, a desterritorialização ultrapassa os limites da pesquisa. Isso porque, em diversos momentos, me vi desterritorializada, envolvida com o universo da pesquisa, ao mesmo tempo em que não sabia onde estava pisando. Quando o território é novo, qualquer informação ajuda, e o *corpo vibrátil*, do qual nos fala Rolnik (1989), se torna muito mais sensível. Neste sentido, o objeto se mistura com a minha própria viagem investigativa, e permite aproximar várias reflexões que envolvem tanto a desterritorialização quanto a aproximação com o mapa noturno de Barbero (1997).

A desterritorialização é uma dessas palavras complexas, que uma definição no dicionário não dá conta de explicar. Por isso, para entendê-la, proponho a separação da palavra em três trilhas: território, 'des' território (saída do território) e 're' território (reconhecimento do território; reterritorialização). O conceito de território, segundo Guattari e Rolnik (1996), vai além do espaço físico. Aqui, o que está em jogo é a percepção de sentir-se "em casa". Desta forma, o território não é exatamente um *lugar físico*, mas uma sensação atrelada ao sentimento de segurança. Uma pessoa, por exemplo, pode estar num lugar estranho, mas se sentir

“em casa” quando ganha um abraço de alguém em quem ela confia. Certa vez, em diálogo nas rodas de conversa do Amorcomtur! sobre a Caminhada Noturna de Criúva, um pesquisador disse: “Ah, o problema não é o escuro. É estar sozinho. Quando eu estou com alguém, pode ser o fim do mundo que eu sou parceiro para ir. Agora, sozinho, é diferente”. Essa fala expressa a noção de território, em que, numa situação desconhecida, o seu porto-seguro pode ser o outro, alguém ou algo que nos resgates a sensação de pertença, de reconhecimento de nós mesmos. Assim, o outro se mostra como uma espécie de ponte. Esse outro pode ser uma pessoa ou, mesmo, um MC’Donalds.

Isso nos remete à segunda trilha da palavra: (des)territorialização, onde esse trabalho acaba se detendo um pouco mais. Na gramática, o prefixo “des” conota “separação, ação contrária”. Portanto, proponho pensar o ‘des’ como um fluxo, uma linha do território. Aqui, a essência é entender que os territórios originais, que nos fazem ‘saber onde estamos pisando’ se desfazem. É o que ocorre quando uma pessoa muda de emprego: as regras são outras, os ambientes e tarefas também. Há que se reconstruir o território existencial de quem chega e do próprio lugar que recebe o ‘corpo estranho’.

O que conduz o processo desterritorializante, portanto, é a presença do novo, do inusitado. Situação muito comum na atividade turística. Na comparação com as Cartografias Sentimentais de Rolnik (1989), sinalizadas na seção anterior, esse momento representaria o que ela chama de primeira linha de vida, a linha dos afetos, pois estamos o tempo todo fazendo encontros com os corpos de todos os tipos, produzindo encontros que nos desterritorializam. Assim, os movimentos de desterritorialização se configuram como “territórios perdendo a força de encantamento; mundos que se acabam; partículas de afeto expatriadas, sem forma e sem rumo” (ROLNIK, 1989, p. 33), enquanto a territorialização se apresenta como “intensidades se definindo através de certas matérias de expressão; nascimento de mundos” (ROLNIK, 1989, p. 33).

O processo desterritorializante é sensível, suscetível, subjetivo. Por isso, Guattari e Deleuze (1997) conduzem esse momento a duas possibilidades: a desterritorialização negativa e positiva. Na desterritorialização negativa, acontece o bloqueio da linha de fuga, ou seja, a saída do território não necessariamente condiciona a uma reterritorialização em um novo território, e sim em vários. Sendo assim, “Qualquer coisa pode fazer às vezes da reterritorialização (...) “valer pelo”

território perdido; com efeito, a reterritorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um livro, sobre um aparelho ou sistema” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 226). Já na desterritorialização positiva, há a presença de novas possibilidades a partir do território construído. É por isso que a discussão me leva a pensar que o sujeito, além de se reterritorializar, se *autopoietisa*, se reinventa, pois há ali a produção de novas máscaras, a apropriação de novos territórios. Novamente fazendo uma aproximação com as linhas de vida de Rolnik (1989), esses movimentos representam a linha 2, linha de simulação, e linha 3, organização dos territórios. Na perspectiva da autora, a linha de simulação está sempre

[...] prestes a oscilar na direção do fluxo puro e desencantar a matéria, provocando desabamento de território [...]. E isso, em termos subjetivos, traduz-se como sensação de irreconhecível, de estranhamento, de perda de sentido - em suma, de crise. Mas ela está sempre prestes, também, a oscilar na direção do encantamento, da imediatez, do movimento de simulação. É quando um território “pega”, ganhando credibilidade, o que em termos subjetivos se traduz como sensação de reconhecimento, de familiaridade. E dá alívio. (ROLNIK, 1989, p. 48)

Na linha três, da organização dos territórios, o que se tem é a criação de “roteiros de circulação no mundo: diretrizes de operacionalização para a consciência pilotar os afetos” (ROLNIK, 1989, p. 50). A psicanalista explica que são territórios finitos, pois nenhum território, nos tempos atuais, consegue durar muito tempo. Novamente, temos aqui o reforço da ideia da desterritorialização constante. No exercício dessas três linhas, o que se tem é uma explicação, em níveis subjetivos, do que acontece com os sujeitos, seus afetos e seus desejos.

Outra relação possível de ser feita é a dos territórios com as máscaras. Segundo Rolnik (1989), a máscara

[...] funciona como condutor de afeto, [...] ela ganha espessura de real, ela é viva e, por isso, tem credibilidade: é “verdadeira”. E, na medida em que os afetos gerados no encontro, ao tentarem efetuar-se nessa máscara, não conseguem fazer sentido - ela simplesmente torna-se irreal, sem sentido, e por isso perde a sua credibilidade, torna-se “falsa”. (ROLNIK, 1989, p. 31)

Assim, o movimento de desterritorialização e reterritorialização podem se efetivar através da passagem ou não afetos pela máscara. Considero, com isso, que

um afeto que não se efetua seria algo que flutua, que não consegue encontrar seu porto, como um sujeito que perde a potência, o desejo de viver. A psicanalista afirma, ainda, que as máscaras “[...] tem sua *dead line*, ainda mais nos tempos que correm, quando a vida dos territórios e de suas respectivas máscaras anda cada vez mais curta” (ROLNIK, 1989, p. 29). Essas colocações exemplificam a complexidade do território existencial do sujeito, e justifica tantos estudos e objetos de análise oriundos da Psicologia.

Com isso, é importante esclarecer que a análise da desterritorialização aqui abordada vem de uma área de estudos denominada Esquizoanálise. Na análise do desejo, a Esquizoanálise não está desassociada da política, da sociedade, pois é através dela que nos formamos sujeitos maquínicos e, nas brechas, singulares. Conforme explica Guattari e Deleuze (1996, p. 72),

A esquizoanálise não incide em elementos, nem em conjuntos, nem em sujeitos, relacionamentos e estruturas. Ela só incide em lineamentos, que atravessam tanto os grupos quanto os indivíduos. (...). A esquizoanálise é como a arte da novela. Ou, antes, ela não tem problema algum de aplicação: destaca linhas que tanto podem ser as de uma vida, de uma obra literária ou de arte, de uma sociedade, segundo determinado sistema de coordenadas mantido.

Quer dizer, ela existe em diversas linhas que contemplam níveis diferentes de complexidade e interioridade. São linhas que transversalizam o sujeito na produção de um desejo que nos movimenta; um desejo que quando nos falta, paralisa. É outra forma de pensar o sujeito, além do estudo da Psicanálise, através das linhas de fuga, dos movimentos de desejo. Neste sentido, o termo ‘esquizoanalista’ surge

[...] não para fazer qualquer espécie de apologia à esquizofrenia, mas para evocar a ideia de que a análise do desejo é, necessariamente, análise de suas linhas de fuga, linhas de esquizo por onde se desmancham os territórios: esquizoanálise. (grifo do autor, ROLNIK, 1989, p. 75)

O termo desejo, aqui, está desassociado do simples prazer. Tem a ver com afeto. “[...] não é necessariamente caos [...] exercendo-se, o corpo vibrátil indicará as direções a tomar, os agenciamentos a fazer” (ROLNIK, 1989, p. 42). Na pesquisa, por exemplo, a desterritorialização se perde em suas linhas de fuga, quando o sujeito não consegue retornar, se sente desmotivado. O desejo é o que movimenta a

produção a constituição de novos territórios. Conforme explica Deleuze e Guattari (2004),

O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real resulta disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente. Ao desejo não falta nada, não lhe falta o seu objeto (sic). É antes o sujeito que falta ao desejo, ou o desejo que não tem sujeito fixo; é sempre a repressão que cria o sujeito fixo. (*grifo nosso*. DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 31)

Esta percepção é especialmente importante, pois é o que diferencia a ideia de desterritorialização meramente física/geográfica, de uma desterritorialização que engloba tanto o deslocamento físico quanto o psicológico. Neste último, não importa se o sujeito está em casa ou em Paris. O território se desfaz em instantes por uma notícia na TV, uma ligação de um familiar, um voo de avião cancelado, um emprego perdido – como exemplos de acionamentos presentes na trama comunicacional e subjetiva.

O que temos aqui, portanto, é a percepção de que, no deslocamento, há uma série de fatores subjetivos que o sujeito leva consigo, que conduzem, de certa forma, a produção ou não do desejo que movimenta. Na falta dele, o sujeito se perde nas suas linhas de fuga, ou seja, fica preso a um território ou vários, sem saber em qual deles se apegar.

Desta forma, a desterritorialização pode ser associada com o próprio deslocamento do sujeito do Turismo. Daí a necessidade de ser compreendida em sua transversalidade com o sujeito. Toda vez que há um deslocamento, seja ele físico ou intelectual, há a constituição de novos territórios ou a reapropriação de antigos. No caso da Caminhada Noturna, por exemplo, a desterritorialização se apresenta de uma forma um pouco diferente, pois não é a visão que orienta o caminho, e sim o tato, a audição e, principalmente, a imaginação. A orientação da guia, nesse caso, serve como um porto-seguro. Ela diz para não soltar da corda. A única coisa que resta, em meio ao chão e ao horizonte que o sujeito não enxerga, é acreditar que haverá algo o esperando no final. Seria esse o fio de sanidade na qual o sujeito da Caminhada se agarra em um espaço tão curto e intenso de desmanchamentos.

Transpondo a reflexão para outro cenário de desterritorialização, como uma viagem, o porto-seguro é o local de hospedagem. É para lá que o sujeito volta ao final de um dia de aventuras e descobertas. O local de hospedagem é o ponto de

referência, onde as coisas começam e terminam, antes de iniciar a viagem de volta pra casa.

Com isso, acredito que já temos o suficiente para seguir adiante. A próxima parada é com os sujeitos da Caminhada Noturna de Criúva. O texto que se segue está coerente com os objetivos específicos 3 e 4 desse trabalho: Caracterizar o grupo de sujeitos envolvidos na pesquisa e Identificar sinalizadores subjetivos e comunicacionais, no processo de desterritorialização de um grupo de sujeitos.

Desembarque na próxima seção!



5 CONTEMPLANDO LUGARES E OS SUJEITOS DA CAMINHADA

Esse capítulo se dedica à análise das falas dos sujeitos da Caminhada Noturna na Roda de Conversa, que corresponde ao momento final da proposta. O objetivo é identificar os sinalizadores subjetivos e comunicacionais no processo de desterritorialização, conforme proposto.

Como critério de seleção, foi feito um trabalho de releitura do campo a partir das falas das pessoas, próximo do que a Análise de Conteúdo apresenta. Conforme explica Bardin (2000, p. 9), análise de conteúdo é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. O método compreende fazer uma pré-análise do material, codificá-lo, categorizá-lo, analisá-lo (inferência) e dar um tratamento para os dados. Fonseca (2014, p. 287 e 288) explica que Krippendorff apud Fonseca (2014, p. 35-40) estabeleceu alguns marcos de referência que o pesquisador deve adotar, como: analisar os dados da forma como se apresentam; apresentar o contexto dos dados; deixar claro os conhecimentos do pesquisador; apresentar o objetivo da análise de conteúdo; compreender o que se aprende a partir do conteúdo exposto (inferência) e estabelecer alguns critérios de validação dos resultados.

Como, na Cartografia de Saberes, trabalha-se com aproximações metodológicas, mesclando os métodos com as questões que emergem do campo, não há uma pretensão de seguir rigorosamente os critérios propostos pela Análise de Conteúdo, em si. Foi realizada a análise, tendo o método como referência, como orientação, a partir do que é apresentado por esses autores, mas houve adaptações, conforme as especificidades da pesquisa e do campo.

Assim, a primeira medida para trabalhar com o conteúdo da conversa, foi fazer uma transcrição literal do momento. Após a transcrição, foi realizada a leitura flutuante, a fim de identificar os principais temas que emergiam dali. Segundo Bardin (2000), a leitura flutuante consiste em um primeiro contato com o material que será analisado. Depois, os objetivos específicos do trabalho foram relacionados com o material obtido, no intuito de verificar as sinergias. Foi nessa fase que percebi o quanto as falas dos sujeitos elucidavam o processo desterritorializante e reterritorializante no trajeto da trilha, e também a presença da trama comunicacional-

subjetiva, em suas diversas faces. Após a análise do material, optei por separar as falas em três momentos. A primeira delas é a Preparação/Como ficou sabendo da Trilha, que representa o primeiro contato do sujeito com o destino Criúva com a proposta da Caminhada Noturna. A segunda, os Acionamentos da Trilha. Aqui, o objetivo é identificar as sensações que emergem do sujeito no processo, lembranças às quais ele recorre. O terceiro momento é denominado “Após a Trilha”, uma espécie de “conclusão” do que essa caminhada significou para ele. Em essência, essas três categorias representam o processo de desterritorialização e territorialização do sujeito durante e momentos depois da trilha. Depois da separação das falas, percebi que os sinalizadores subjetivos e comunicacionais, ainda que presentes, não estavam totalmente claros. Assim, optei por elaborar outro quadro, que apresenta, em síntese, quais são esses sinalizadores, com base na explicação de Guattari (1992)¹⁹ sobre a produção da subjetividade, que representa uma matriz de análise importante tanto para identificar sinalizadores subjetivos, quanto para identificar sinalizadores comunicacionais.

O grupo analisado conta com 9 sujeitos, excluindo Claudia e Severino, condutores da trilha, e eu. Eles são apresentados aqui sequencialmente, por ordem de fala na roda de conversa. São eles: Lyra, Virgo, Aquilla, Sagitta, Orion, Scorpius, Vela, Telescopium e Compostela. Os nomes dos sujeitos fazem referência às constelações estelares, exceto por Compostela. A escolha por representá-los desta forma faz referência a um elemento apreciado por todos do grupo, naquele dia: o céu estrelado, deslumbrante. Compostela – campo de estrelas, no significado popular²⁰ - leva esse nome por conta do seu conhecimento sobre o assunto. Enquanto todos apreciavam, ele dava informações sobre as estrelas que podíamos ver. Antes de prosseguir para a análise dos quadros, considero importante um breve relato do meu encontro com o grupo.

No dia 10 de março, cheguei às 17h30min em Criúva, meia hora antes do horário marcado com Claudia. Troquei umas palavras com ela, que finalizava um passeio com outro grupo, de canionismo. Após me receber, Claudia pediu licença

¹⁹ Retomando o conceito, o autor diz que a produção de subjetividade passa por: 1. componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2. elementos fabricados pela indústria dos mídias, do cinema, etc. 3. dimensões semiológicas a-significantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente linguísticas.

²⁰ Segundo o site <http://www.caminhodesantiago.com.br/hist.htm>.

para dar atenção a eles. O grupo que eu iria acompanhar ainda não estava presente. Fui para o lado de fora da casa. O dia estava quente e ensolarado, então resolvi caminhar um pouco pela cidade. Quando retornei, fui recebida de forma calorosa pelo líder do grupo, aqui denominado como Compostela, que estava voltando da van neste momento. Entramos na casa, onde ele me apresentou às outras oito pessoas que o acompanhavam. O grupo vinha de Porto Alegre/Novo Hamburgo, numa aventura proposta pela Trekking POA, empresa liderada por Compostela. Alguns estavam sentados, descansando – eles haviam acabado de voltar de uma caminhada na Cachoeira da Mulada, ali em Criúva mesmo. Outros se revezavam para usar o banheiro, onde lavavam a mão, o rosto e trocavam de roupa, se preparando para a próxima caminhada. Observando Compostela, sentia que ele já estava familiarizado com o local. Mais tarde, descobri que esse era o segundo contato dele com Criúva. Havia, também, quem observasse, com curiosidade, a decoração do ambiente, com atenção especial para um mapa de Criúva que estava sob uma das mesas. Era desenhado à mão, com finas linhas da cor marrom. Lembro-me de ter agradecido, mentalmente, por poder acompanhar esse grupo alegre e acolhedor. Após essa recepção, seguimos para o miniparque, onde Claudia apresentou as atividades que a empresa estava planejando fazer. De lá, seguimos para a trilha, que não ficava longe dali.

Como é de praxe, ao final da trilha, depois do jantar, acontece uma espécie de roda de conversa ao redor da fogueira. Na ocasião, a roda foi coordenada por Claudia. Ela puxou a fala, agradecendo a nossa presença e fazendo uma reflexão sobre a importância de realizar atividades que nos coloquem em contato com a Natureza. Falou, também, que é importante valorizar esse momento *“porque ainda nós estamos nesse mundo, gurizada, que é de ouvir as pessoas”* (Claudia, informação verbal). Antes de passar a fala para outra pessoa, ela contou que eu estava ali fazendo uma pesquisa, e que também gostaria de fazer algumas perguntas. Neste momento, eu disse que estava ali, principalmente, para escutar. Caso eles se sentissem confortáveis, gostaria apenas que, no momento da fala, eles anunciassem o nome, a idade, a profissão e contassem como ficaram sabendo da caminhada. Disse, também, que eles não seriam identificados pelo nome real. Esse pedido era apenas para que eu pudesse fazer contato depois, caso necessário. A conversa toda foi gravada e posteriormente transcrita.

O convite, agora, é para me acompanhar nas falas que determinam o processo desterritorializante dos sujeitos da Caminhada Noturna. Para isso, separei os três momentos anteriores em três quadros. Farei comentários sobre cada um deles, já sinalizando para os elementos subjetivos e comunicacionais. Ao final da explicação desses três quadros, encontra-se uma síntese, também comentada, dos sinalizadores encontrados no processo de desterritorialização. A primeira parada é o momento um: Preparação/Como ficou sabendo da trilha, com falas ilustradas no quadro abaixo (QUADRO 2).

Quadro 2 - Preparação/Como ficou sabendo da Caminhada

Identificação	Preparação / Como ficou sabendo
Lyra	<i>“Na verdade foi um amigo meu que me indicou eles, daí eu vim por causa desse amigo”. (se referindo a Compostela e Vela)</i>
Aquilla	<i>“eu já faço trilha há um tempinho aí, comecei praticamente com o Compostela. Fiz uma grande antes, mas depois essas menores com o Compostela. E aqui eu não imaginava que era isso que eu ia ver”.</i>
Sagitta	<i>Bom, nois que gostemo dessas coisas, dessas coisas diferente assim, quase todo final de semana a gente procura fazer uma coisa diferente, assim, procura... viver a cultura das pessoas que vivem no lugar, né. As coisas... ahm... buscar coisas novas, assim.</i>
Vela	<i>(...) teve um dia que a Helen, que tem uma loja de produtos de aventura ali em Caxias, postou uma foto no Face (Claudia: ahhh é?) dizendo que tinha vindo... isso, veio aqui e escreveu “como é maravilhoso ir na Casa Verde” e marcou Criúva. Aí eu falei pro Compostela: tu viu que interessante esse lugar que a Helen foi e tal? (...) Liguei, falei com a Cláudia e a Claudia disse ah, tem, e eu posso servir até 5:30 acho que foi que tu me falou né Claudia? (é, porque tinha a Noturna). Isso. Daí ela me falou da noturna e eu... Tá, daí ela me falou como funcionava, que tinha uma trilha e depois tinha um jantar no meio da mata e eu fiquei pensando “cara, que troço legal”.</i>
Telescopium	<i>Eu já faço trilhas com o Compostela há um tempo, assim, eu gosto Muuito de fazer trilha assim eu... adoro tá viajando, tá no meio do mato, tá nessa conexão com a natureza e com as pessoas, porque hoje em dia a gente tá muito desconectado das pessoas, né.</i>
Compostela	<i>(...) Então quando surgiu essa possibilidade da gente fazer a cascata da Mulada e concluir com esse projeto aqui da Claudia, é... pra mim assim fechou um roteiro perfeito, que é o que a gente queria, porque a gente sempre gosta de oferecer essas experiências que vão transformar mesmo o viajante, né? Não é só ir num lugar, bater foto, tirar uma selfie e tal... Tem que ter algo que... Que traga ali, que desperte alguma coisa.</i>

Fonte: Da Autora.

As falas de Lyra, Aquila, Sagitta e Telescopium demonstram uma relação de confiança com Compostela. Nessas falas, os sinalizadores subjetivos e comunicacionais aparecem na referência ao guia – ou condutor de sonhos, como ele mesmo se denomina. Assim, a trama comunicacional aparece relacionada com a

trama de amizades e relacionamentos desses sujeitos. Já no que diz respeito à Vela, há a presença da trama midiática, que pode ser observada na foto postada no *Facebook*, conforme indica o seu relato. A partir disso, ela conversa com Compostela e decide ligar para pedir mais informações. Na ligação, a trama comunicacional aparece relacionada com outros dispositivos de informação e comunicação, como o computador/celular/telefone. Na fala de Compostela, chama atenção o fator de tomada de decisão: a proposta da Casa Verde – Criúva operadora aparece como um “roteiro perfeito”, ao ser relacionada com a ideia de “experiências que vão transformar o viajante”. Tendo em vista toda a trajetória da empresa, percebe-se uma grande sinergia entre eles. No início da roda de conversa, Claudia declara que ficou muito feliz com a parceria.

Pensando a partir da proposta da formação da subjetividade de Guattari (1992), percebe-se a relação de todas essas falas com o que ele chama de “Componentes Semiológicos Significantes” – componentes relacionados com a família, amigos, etc. - e “elementos fabricados pela mídia”, considerando o *Facebook* como tal. Na perspectiva da preparação para a Caminhada, essas falas representam uma relação de confiança do sujeito com Compostela, que se traduz numa espécie de tranquilidade ao se viajar. Numa situação em que os sujeitos viajassem para um lugar mais longe, com envolvimento de vistos e passaportes, por exemplo, essa relação de confiança aparece positiva, e representa, de alguma forma, o sentimento de *estar em casa*, amenizando os sintomas do processo de desterritorialização. Virgo, Orion e Scorpion não declararam, explicitamente, como ficaram sabendo do passeio. No entanto, por outras informações que obtive durante o tempo que passei com eles, percebi que já conheciam Compostela de outras viagens, e que também há uma relação de confiança estabelecida ali.

O terceiro quadro, abaixo, representa os acionamentos da caminhada, e visa identificar os sinalizadores que emergem do processo de desterritorialização desse grupo.

Quadro 3 - Acionamentos da Trilha

Identificação	Acionamentos na Trilha
Lyra	<i>Eu não conhecia essa trilha. Fiquei com medo da trilha. Quase parei, mas aí eu segui andando. Achei incrível. Achei incrível chegar aqui e ver esse... o céu desse jeito.</i>
Virgo	<i>Então... Eu tinha que tirar o medo de dentro de mim, né? Então acho que pra mim isso foi ótimo, ótimo.</i>
Aquila	<i>Eu... Eu achei que era uma coisa mais... ahm... simples assim eu disse ok, tá, vamo no escuro... tá. Mas quando eu fiquei ali no meio da mata, no escuro, assim, só escutando a natureza, assim, que é uma coisa que eu gosto muito, mas sempre a gente faz trilha, obviamente de dia né, eu achei sensacional, uma oportunidade tremenda. [...] E num determinado momento eu rocei, assim, alguma coisa roçou em mim, uma planta, alguma coisa... e eu senti algum barulho em volta e o meu pensamento foi assim, eu digo, “ai, o que que tá acontecendo?”, e eu respirei fundo e digo “não, não tá acontecendo nada, eu tô curtindo aqui, tô no meio do mato, com a natureza e tá tudo tranquilo”. E segui.</i>
Sagitta	<i>Mas assim, que nem a trilha ali é bem interessante porque a gente sempre vai pros lugares assim, a gente sempre leva alguém junto, né. Sempre tem mais que... e ali era... tinha a cordinha, mas a gente olhava assim e não tinha... é uma experiência, a gente fica pensando assim. “e se eu me perdesse aqui e não tivesse a cordinha?”. Começo a pensar em como a gente reagiria, né. É uma coisa diferente. É legal, eu gostei. Tive medo, sim, normal... Mas faria de novo. Tranquilo.</i>
Orion	<i>[...] Então, é essa a situação de tipo, você tá vendado e simplesmente ter que aprender a se controlar psicologicamente, e saber o que fazer, isso, aguçar isso, isso é maravilhoso. Essa experiência você consegue aqui, através dessa proposta”.</i> <i>“Ah, o largar na frente eu ficava aflito porque eu não sabia se todos iam chegar. Então teve no meio do caminho, eu parei, pra esperar pelo menos alguém pra mim ficar um pouco mais seguro de que ‘não, tão vindo’. [...] porém, se eu interferisse, se eu voltasse para buscar o último, eu iria comprometer a experiência de cada um [...] Então eu resolvi seguir a regra, e vim. Apenas isso.</i>
Scorpius	<i>Já andei de noite, no meio do mato, mas com lanterna, assim. No escuro, se guiando só por um fiozinho foi a primeira vez. Mas gostei bastante da experiência. Até tu vai passando, as vezes passa ali um galinho, e já fica todo “ah, que que é? será, será que é um bicho?”</i>
Vela	<i>[...] da outra vez que a gente veio e foi quando eu fiz a trilha, eu fiz ao contrário. A gente jantou e depois saiu por causa do horário de verão pra não ficar muito tarde. Só que o contrário eu acho que é pior. Porque tu não enxerga a luz no fim, e eu vou te dizer que quando eu cheguei no meio da trilha eu pensei “porque que eu me enfiei aqui” (todos riram) (...) eu não devia ter vindo, me deu um pânico assim porque eu ouvia acho que alguém caminhando e eu achei que era um bicho. Aí eu pensei “meu Deus, que roubada”. E eu fiquei pensando “cara, não tem nada de mais aqui”. E foi o que o “Crut” falou. Tu acostuma o... dentro da mata, o olhar. Eu comecei a olhar para o céu. E o céu tava mais claro, aí eu consegui me guiar. Porque dá uma agonia, tu não chega nunca. Era só o escuro.</i>

Telescopium	<p>[...] lá na empresa a gente tem o programa Integrar, que é para a inclusão de pessoas com deficiência, durante a travessia, durante a trilha o que eu pensei muito foi em duas pessoas que tem lá na nossa equipe que são deficientes visuais. [...] E a gente se apavora ali por ficar alguns instantes sem enxergar, sem saber o que fazer naquela situação. [...] No início foi estranho, foi difícil, mas chegou um momento que... tava super normal. Que era a coisa mais natural que eu tava fazendo era caminhar no escuro.</p>
Compostela	<p>É... e entrar nessa trilha aqui, totalmente no escuro acompanhado só com um cabo de segurança, ele te dá a possibilidades inúmeras [...] primeiro é aquele momento do medo, né, que tu tem que romper aquele momento, e depois o momento da certeza. Primeiro tu vai ter o medo porque é uma coisa diferente, tu não enxerga nada, tu não sabe o que tem na frente, e depois começa, quando passa o medo, tu tem a certeza. A certeza de que tu vai ter que vencer aquela condição, é um desafio. Tu vai te vencer naquele desafio, e tu vai conseguir chegar até o final. E aí nisso tu mexe com muita coisa interna que um psicólogo poderia falar muito melhor que eu, mas a nível de experiência, quanto pedagogia, pra mim essa experiência é uma coisa que realmente pode trazer resultados, assim, significativos para pessoas que desejam realmente mergulhar numa experiência que transforme, que mostre uma outra face, assim. E essa face é da pessoa mesmo, de si mesmo. É uma face que tá ali e tu não percebeu ainda, mas quando tu te depara com aquele momento, com aquele ali, tu opa... para um pouquinho. Tem alguma coisa ali que eu não conhecia de mim mesmo. Eu consigo vencer isso, eu consigo ir adiante. E aí quando tu transfere isso aí pra tua vida, tu vai ver que tem várias coisas no teu caminho que tu consegue romper essa barreira. Vai depender só de tu fazer o que tu fez ali. Tá no escuro, pensou, o que que eu vou fazer? Não vou chorar, não vou me desesperar. Vou seguir em frente, né?. E na vida é assim. A gente batalha, a gente tem as nossas dificuldades, a gente tropeça, a gente cai, a gente levanta, mas a gente tem que seguir. A gente tem que seguir. Então é uma trilha sensorial, é uma trilha emocional, é uma trilha assim que bagunça a cabeça do cara, que nem a... A cabeça e o coração, né?</p>

Fonte: Da Autora.

Em um contexto geral de análise, é possível identificar expressões subjetivas, que remetem, além da desterritorialização, à autopoiese. A expressão “quase parei, mas segui andando” (Lyra), remete a um sentimento de medo. Para Rolnik (1980), o medo se relaciona com a linha de simulação, que “vai do invisível e inconsciente produção de afetos, para a visível e consciente e composição de territórios” (ROLNIK, 1989, p. 31). Com isso, o sujeito busca referências na sua própria trama existencial, fazendo comparações e encontrando soluções, experiências parecidas que o fazem seguir adiante. A expressão do medo também pode ser vista, com mais intensidade, nas falas “Eu tinha que tirar o medo de dentro de mim” (Virgo); “ai, o que tá acontecendo” (Aquilla); “e se eu me perdesse aqui e não tivesse a cordinha? (...) Tive medo, sim, normal” (Sagitta); “será que é um bicho” (Scorpius); “porque que eu me enfiei aqui (...) que roubada (...) dá uma agonia, tu não chega nunca” (Vela); “primeiro é aquele momento do medo, (...) e depois o momento da certeza” (Compostela).

Outro relato que apareceu remete ao momento em que o sujeito começa a se habituar ao ambiente, o que pode ser visto como o exercício da linha dos afetos e da simulação na proposta de Rolnik (1989), e da reterritorialização, na proposta de Deleuze e Guattari (1997), com a expressão “*No início foi estranho (...) mas chegou um momento que... tava super normal*” (Telescopium) e “*não, não tá acontecendo nada, eu tô curtindo aqui, tô no meio do mato, com a natureza e tá tudo tranquilo*” (Aquilla).

Chama atenção, também, a forma como alguns sujeitos lidaram com a situação. No caso de Orion, ele demonstra maturidade ao dizer que “você tá vendado e simplesmente ter que aprender a se controlar psicologicamente, e saber o que fazer, isso, aguçar isso, isso é maravilhoso”. Ele declara, ainda, que

[...] ficava aflito porque eu não sabia se todos iam chegar [...] porém, se eu interferisse, se eu voltasse para buscar o último, eu iria comprometer a experiência de cada um [...] Então eu resolvi seguir a regra, e vim. Apenas isso. (informação verbal)

Importante observar, aqui, que durante o relato, Orion explica que a situação da trilha o fez recordar dos tempos de criança, de quando caçava tatu com seus primos e tios. Desta forma, entendo que a trilha não foi tão assustadora porque ele já tinha um ‘mapa sentimental’ na sua bagagem, o que o permitiu viver a situação de outro modo, agregando um aprendizado. Fazendo a relação com o sujeito do turismo, encontramos, aqui, uma variável. Uma situação estressante, quando se repete, tende a ser mais tranquila do que a primeira, por conta da experiência e do aprendizado agregado. Essa relação ‘pedagógica’ também aparece na fala de Compostela:

[...] a nível de experiência, quanto pedagogia, pra mim essa experiência é uma coisa que realmente pode trazer resultados, assim, significativos para pessoas que desejam realmente mergulhar numa experiência que transforme, que mostre uma outra face, assim. E essa face é da pessoa mesmo, de si mesmo. É uma face que tá ali e tu não percebeu ainda, mas quando tu te depara com aquele momento, com aquele ali, tu opa... para um pouquinho. Tem alguma coisa ali que eu não conhecia de mim mesmo. Eu consigo vencer isso, eu consigo ir adiante. E aí quando tu transfere isso aí pra tua vida, tu vai ver que tem várias coisas no teu caminho que tu consegue romper essa barreira. Vai depender só de tu fazer o que tu fez ali. Tá no escuro, pensou, o que que eu vou fazer? Não

vou chorar, não vou me desesperar. Vou seguir em frente, né?. E na vida é assim. A gente batalha, a gente tem as nossas dificuldades, a gente tropeça, a gente cai, a gente levanta, mas a gente tem que seguir. A gente tem que seguir. Então **é uma trilha sensorial, é uma trilha emocional, é uma trilha assim que bagunça a cabeça do cara [...]** A cabeça e o coração, né? (informação verbal)

Essa fala soa como uma espécie de ‘validação’ dos objetivos da Casa Verde-Criúva Operadora, que trabalha visando o autoconhecimento, conforme sinalizado no capítulo três. Além disso, quando Compostela declara que é possível transpor a lógica da caminhada para a própria vida, estamos diante de um sinalizador educador do Turismo. A partir disso, é possível pensar que a atividade turística desenvolve e simula estratégias de sobrevivência para situações que podem ser encontradas na própria vida cotidiana. A fala de Trigo (2013) ajuda a pensar essa face educadora do turismo para a vida. Segundo o autor,

A maior dificuldade das pessoas é reconhecer que a grande busca não é por algo insólito, diferente, nunca experimentado. As pessoas querem algo que já possuem, mas estão afastadas de si mesmas e não podem - ou não querem - ter acesso aspectos importantes de suas vidas, talvez porque sejam obscuros. Então viajam pelo mundo, tentando encontrar além de si as respostas para perguntas que, muitas vezes, sequer são conhecidas. Mas são viagens válidas, pois permitem, com a inspiração exterior, buscar algo que pensam ser significativo. Alguns encontram o que buscam, muitas vezes na volta; outros se perdem no caminho para nunca mais voltar. Quem pode dizer que encontrou o quê? Apenas aquele que busca tem consciência de sua busca, de suas perdas, de suas faltas, de seus ganhos e acertos. Mas apenas para si. A Grande Viagem é a vida, o planeta é vasto, universo incognoscível, e Cada um deve encontrar sua própria luz nas Veredas desse cipoal cósmico (TRIGO, 2013, p. 29).

Assim, entende-se que esse processo de deslocamento, de simulações e buscas de referências, mais do que autopoietico, inspira o sujeito a se preparar para outras situações da vida. Em um slogan não muito inspirado para representar esse momento, seria algo na linha “Viajar é viver e aprender”.

Seguimos agora para a análise do quarto e último quadro: impressões da trilha.

Quadro 4 - Impressões da Trilha

Identificação	Impressões da Trilha
Lyra	<i>Ficar em volta é muito prazeroso. É muito bom. Eu me senti muito bem. Fechou com chave de ouro o dia inteiro, porque acho que o dia inteiro foi bem legal assim, né. Desde a saída de Porto Alegre até aqui.</i>
Virgo	<i>Eu não sei mais o que te falar, assim. Mas sei que amanhã tem um dia muito novo, muito diferente pra mim viver. Porque foi excepcional o dia.</i>
Aquilla	<i>Ah, eu amei de paixão! Eu inclusive abracei ela (Claudia), abracei o Compostela pela oportunidade... (...) Eu achei excepcional esse... esse evento, assim. Eu achei demais essa ideia. Gostei demais. (...) Se eu puder eu venho mais! (...) É, eu quero fazer agora pelo outro lado.</i>
Sagitta	<i>Mas é uma experiência, assim, como dizem, poucas pessoas fazem, né. Poucas pessoas sabem que existe isso aqui, né. E é uma coisa diferente, que tomara que cada vez vai mais pra frente, né. Que pessoas mais possam viver essas experiências, assim.</i>
Orion	<i>Que me chamou atenção, nessa proposta, incrivelmente foi me remeter à uma experiência que eu tinha no passado, que era quando eu tinha a média acho que de 10 a 12 anos, é... a gente tinha aquela cultura de caçar tatu [que maldade, alguém diz], no meio do mato, assim, às vezes a noite. (...) E aí o que acontece, a gente não tinha corda. A gente simplesmente se guiava com os cachorros. A gente tinha 5, 6 cachorros muito bons, e nós saíamos eu e meus primos e meus tios, alguns com arma, outros com faca, e a gente se guiava apenas quando um dos cachorros batiam em algum tatu. Então quando eles começavam a latir a gente se guiava só pelo som e saía correndo no meio do mato. É como pegar e largar correndo agora, aqui. [...] A gente não tinha medo de, quando a gente corria, batia numa árvore. Era inevitável você sair correndo aqui e não trombar num galho, numa árvore ou... Mas instintivamente, se você ficar com a ausência da luz durante muito tempo, por mais fechada que a mata seja você cria um senso de... de presença ou senso de coordenação incrível. O ser humano ele se adapta à isso. Isso é do Ser Humano.</i> <i>[...] Então eu achei maravilhoso, assim. Achei fora do sério mesmo. E... Eu tenho certeza que vai ser um projeto que nossa, vai vai...vai trazer muita gente ainda. É bem bacana, assim. Então era isso, basicamente.</i>
Scorpius	<i>Mas eu achei bem legal a experiência, gostei. Vou até indicar pra alguns conhecidos vim aí. E acho que é... valeu a experiência.</i>
Vela	<i>(...) eu achei assim, fantástico, e eu sou uma pessoa muuuito medrosa, e pra mim foi muito bom. Foi maravilhoso. Foi muito mágico.</i>
Telescopium	<i>E essa situação me trouxe muito isso assim, de como é que é a vida de uma pessoa que não enxerga. E ela é uma vida normal, assim como foi normal caminhar depois de um tempo.</i>
Compostela	<i>Mas ao final, chegando aqui, nesse momento aqui, com essa fogueira, pessoas maravilhosas e especiais e tão amáveis que nem a Claudia, que nem os colegas, que nem a Lu, recebendo a gente dessa forma carinhosa... isso realmente afaga o coração da gente e transforma essa experiência em algo que não tem palavras, então... eu falei bastante mas o resultado é assim, não tem palavras pra definir ainda o que que essa experiência traz pra gente.</i>

Fonte: Da Autora.

Diferente do que acontece no Quadro 2, nesse e no quadro anterior é possível identificar sinalizadores nas falas de todos os sujeitos. São expressões diversas, com conclusões que alcançam níveis diferentes de subjetividade. As expressões “*Ficar em volta é muito prazeroso*” (Lyra); “*Eu não sei mais o que te falar, assim. Mas sei que amanhã tem um dia muito novo, muito diferente pra mim viver*” (Virgo); “*eu amei de paixão*” (Aquilla); “*Achei fora do sério mesmo*” (Orion) e “*sou uma pessoa muuuito medrosa, e pra mim foi muito bom*” (Vela) remetem ao que Guattari (1992) chama de dimensões semiológicas a-significantes. Há, nessas falas, a expressão do “inacreditável”; aquilo que é difícil de explicar em palavras, que ainda não encontrou um significado codificado para existir no sujeito.

Enquanto isso, a expressão “*Vou até indicar pra alguns conhecidos vim aí*” (Scorpion) renova o ciclo de recomendação ‘boca a boca’, visto no primeiro quadro.

Outro ponto que chama atenção é a fala de Compostela, reforçando a ideia de que o sujeito precisa de *cuidado*,

[...] chegando aqui, nesse momento aqui, com essa fogueira, pessoas maravilhosas e especiais e tão amáveis que nem a Claudia, que nem os colegas, que nem a Lu, **recebendo a gente dessa forma carinhosa...** isso realmente **afaga o coração da gente e transforma essa experiência em algo que não tem palavras**, então... eu falei bastante mas o resultado é assim, **não tem palavras pra definir ainda o que que essa experiência traz pra gente.**

Além disso, as expressões de Compostela remetem à proposta de Moesch (2004), de que a formação turística precisa trabalhar conteúdos humanizadores, participativos e culturais. No acolhimento, exercemos a nossa empatia, colocamos em prática a amorosidade, e entendemos que isso tem um efeito que tende a ser positivo. Na fala “*essa situação me trouxe muito isso assim, de como é que é a vida de uma pessoa que não enxerga*” (*Telescopium*) o aprendizado vai além: ajuda o sujeito do turismo a se colocar no lugar do outro. Sinais de que a atividade pode provocar experiências que invertem a lógica vigente, de que somos sujeitos violentos e indiferentes às diferenças dos outros. Essa percepção também é alinhada aos pressupostos dos estudos Amorcomtur.

Com isso, apresento agora o quadro-síntese dos sinalizadores subjetivos e comunicacionais desse processo.

Quadro 5 - Sinalizadores Subjetivos e Comunicacionais

Sinalizadores Subjetivos	Sinalizadores Comunicacionais
📌 Desafio da Chegada	🗨️ Trama Comunicacional
😬 Medo de se perder	😊 Vinculação Afetiva
👋 Reconhecimento do Local	❖ Amorosidade Comunicacional

Fonte: Da Autora.

Para elaborar esse quadro-síntese, foram observados, a partir da vivência do campo e dos referenciais teóricos, aspectos subjetivos e comunicacionais que podem fazer parte não só do processo de desterritorialização do sujeito da Caminhada Noturna, como também dos sujeitos da caminhada no Turismo. Com isso, em relação aos *sinalizadores subjetivos* entende-se que, no processo de desterritorialização, há a presença do **desafio da chegada**. Aqui, esse processo de ‘entender as regras do local’ demanda do sujeito uma sensibilidade, de compreender, em primeiro lugar, que ele não está em casa. No caso de um quarto em um local de hospedagem, por exemplo, significa entender onde fica a tomada, como liga a televisão, como funciona o chuveiro, a senha do *wi-fi*... Na Caminhada Noturna, basicamente, a chegada à trilha precede entender algo muito mais básico: como caminhar no escuro sem tropeçar em uma pedra e sem ser pego por bichos no meio do caminho. A fala “*a gente sempre vai pros lugares assim, a gente sempre leva alguém junto, né. Sempre tem mais que... e ali era... tinha a cordinha, mas a gente olhava assim e não tinha...*” (Sagitta, QUADRO 2) representa um pouco desse momento, de entender que o local onde você está, é diferente. Assimilar isso.

Esse sinalizador nos leva a outro, que é o **medo de se perder**. Aqui, a relação básica é com o medo do desconhecido. Afinal, o que significa se perder? Nas falas dos sujeitos observados, se perder sugere algo negativo, perigoso. Algo na linha de “como eu vou voltar pra casa se eu não souber onde estou?”. No trecho “*eu vou te dizer que quando eu cheguei no meio da trilha eu pensei “porque que eu me enfiei aqui” (...) eu não devia ter vindo, me deu um pânico assim (...)*” (Vela, QUADRO 3) é possível observar melhor esse aspecto.

Há, ainda, outro sinalizador subjetivo inerente ao processo desterritorializante, que é o **reconhecimento do local**. Nesta ‘fase’, o sujeito já está se familiarizando, e começa a estabelecer laços de confiança com lugares e pessoas, que se transformarão, posteriormente, em lembranças e recordações. É como se o sujeito

começasse a se reconhecer no novo território. Ele se sente seguro para fazer simulações, se experimentar mais naquele lugar... Exercer as referências de quem ele é. Retornando ao quadro dois, seria algo como o que está explícito nas falas “*se eu interferisse, se eu voltasse para buscar o último, eu iria comprometer a experiência de cada um [...] Então eu resolvi seguir a regra, e vim. Apenas isso*” (Orion, QUADRO 3); “*quando eu fiquei ali no meio da mata, no escuro, assim, só escutando a natureza (...) que é uma coisa que eu gosto muito (...) eu achei sensacional, uma oportunidade tremenda*” (Aquilla, QUADRO 3) e “*(...) não vou me desesperar. Vou seguir em frente, né? (...) A gente batalha, a gente tem as nossas dificuldades, a gente tropeça, a gente cai, a gente levanta, mas a gente tem que seguir*” (Compostela, QUADRO 3).

Em relação aos *signalizadores comunicacionais*, a pesquisa indica que, entre os diversos meios de comunicação, a referência às redes sociais e ao ‘boca a boca’ como fonte de informação para a viagem, esteve muito presente, como pode ser observado no quadro 1. Com isso, é possível observar aspectos propostos pelo conceito de **trama comunicacional** na prática, uma vez que as redes sociais demonstram ser importantes como pontos de entrelaçamentos de várias outras as fontes. Através das redes sociais, as pessoas compartilham eventos que foram comunicados em outros dispositivos de comunicação, como o jornal, a TV, revista, portais de notícia na internet... Há, neste sentido, um ‘intercâmbio’ de compartilhamento, pois os dispositivos de comunicação e informação estão entrelaçados uns com os outros. Algo que foi visto no Twitter, por exemplo, pode ser compartilhado no WhatsApp, Facebook Messenger, Instagram... Além disso, o uso de aplicativos de localização para o deslocamento também se mostra como ponto de entrelaçamento interpessoal do sujeito com outros dispositivos. Desta forma, há a presença de elementos que ressaltam os fluxos informacionais, levando em consideração aspectos materiais e imateriais, significantes e a-significantes, conforme discussão feita no capítulo 4.2.

É possível verificar, também, a presença de uma **vinculação afetiva** dos sujeitos, em relação à forma como ficaram sabendo da caminhada. Com isso, entende-se que a referência à família e amigos se constitui como laço afetivo de informação, e, por isso, tem certo peso e credibilidade naquilo que é dito tanto pessoalmente quanto pelas redes sociais. Interessante, neste sentido, a vinculação

com a pesquisa desenvolvida por Soares, Castro Gabriel e Fernández (2017), que ressalta o que eles chamam de fontes orgânicas (familiares, amigos e estudantes) como uma das principais fontes de consulta de estudantes brasileiros para a realização de uma viagem por motivos de estudos a um destino patrimonial. Novamente, o quadro 1 traz vários elementos dessas falas: “*Na verdade foi um amigo meu que me indicou eles (...)*” (Lyra); “*(...) comecei praticamente com o Compostela*” (Aquilla); “*já faço trilhas com o Compostela há um tempo*” (*Telescopium*).

Outro ponto que chama atenção, na relação entre os sujeitos, é a presença de uma **amorosidade comunicacional**, expressa como ética da relação e do cuidado com o outro, o que pode ser observado durante toda a Caminhada. Como exemplo, temos a própria postura dos operadores da trilha, que o tempo todo se mostraram preocupados, envolvidos com os sujeitos ali presentes. Esse cuidado, conforme já citado diversas vezes durante o desenvolvimento do trabalho, resulta em uma relação de confiança que favorece a reterritorialização do sujeito. Destaco, novamente, a fala de Compostela, expressa no quadro 4, quando ele diz que é muito bom estar perto de pessoas maravilhosas e especiais, complementando que isso “afaga o coração da gente”.

A amorosidade comunicacional como prática implica, também, no reconhecimento da singularidade dos sujeitos. Aqui, percebo a relação com a pesquisa que desenvolvi na Graduação, onde discuti as novas relações de consumo e a presença da amorosidade como um dos aspectos necessários para a mediação da comunicação entre sujeitos. Compostela, como um profissional que atua em interface com o turismo, demonstra já ter entendido essa necessidade: “*a gente sempre gosta de oferecer essas experiências que vão transformar mesmo o viajante, né? Não é só ir num lugar, bater foto, tirar uma selfie e tal...*”. (QUADRO 2)

Desta forma, entendo que a comunicação desenvolvida para os sujeitos que estão em deslocamento deve seguir essa tendência, da ética da relação, do cuidado, da amorosidade. Trata-se de reconhecer o sujeito como ‘alguém’, e não apenas como ‘mais uma pessoa’. Dar a ele um nome, um significado e respeitar a sua história, ainda que não se saiba nada sobre ele.



6 VOLTANDO PARA CASA: REFLEXÕES DA VIAGEM

Na vida, há momentos em que a gente caminha no escuro. No processo de adaptação, os olhos precisam se acostumar com a nova condição. É entre a chegada em um novo território e a produção desse momento que universos complexos se encontram. Assim, a gente recorre àquilo que aprendemos ao longo da nossa Grande Viagem, tecida pela trama da comunicação, a subjetividade, as singularidades que nos constituem.

Camila Melo

E então chegamos ao “fim”. É hora de começar a me despedir. Comparo esse momento com a volta para casa, quando a gente se encontra novamente com as nossas bases e tem aquela vontade enorme de contar para os amigos as descobertas dos lugares, as experiências que viveu. Começo a lembrar da minha mãe, dos meus amigos, das coisas que deixei para outro momento, para estar aqui, agora.

Quando comecei essa pesquisa, eu não sabia que, ao chegar num determinado ponto da caminhada, eu me autorizaria a falar de um mapa noturno do Turismo. Não sabia que haveria uma necessidade de olhar as coisas sob uma nova perspectiva, não negando o que temos ou somos, mas somando e reconhecendo o que pode e podemos vir a ser, a partir deste outro olhar. Por diversas vezes, me senti uma estranha no ninho. Duvidei de mim mesma, questionei, chorei, paralisei. E então segui, um passo de cada vez, com movimentos lentos... Não tinha outro jeito de fazer.

Certa vez, em orientação, discutimos sobre o processo de aprendizado e construção de uma pesquisa, de uma dissertação. Da capacidade de mergulhar no campo e sair de lá sabendo, muitas vezes, não o que você quer, mas o que você não quer. Testar, mergulhar e errar são coisas que nos fazem aprender. Penso que as experiências da viagem do turista também possam ser analisadas sob esse viés. Com isso, não quero dizer que vamos colocá-lo dentro de uma bolha e prometer que nada de ruim vai acontecer. Muito pelo contrário. É deixá-lo ciente de que ele não está protegido de sofrer fortes emoções, e que tudo o que ele encontrar por ali pode transformá-lo de alguma forma. Penso que, de algum jeito, há um grupo de pessoas caminhando para isso, e outro que não faz a menor ideia de “como proceder”. Por isso defendo, sempre, a sensibilidade dos profissionais envolvidos para perceber as

fragilidades e ajudar, no lugar de julgar. Esse é um dos caminhos para conseguir melhores experiências e fidelização do sujeito viajante. Na base da empatia e da confiança.

Ao longo do processo, fui me dando conta do que a pesquisa queria dizer, para além do planejado. Neste sentido, os objetivos do trabalho que comento agora visam cumprir certa exigência, além de me permitir avaliar as respostas obtidas, mas reconheço a dificuldade de separar o pensamento em partes, depois de uma discussão que propõe o contrário...

Em relação ao objetivo um, que visa *apresentar aspectos do cenário subjetivo e comunicacional envolvido com a trama turística*, posso dizer que foi, no mínimo, desafiador construir um texto que fizesse um pouco de sentido. Reconheço que o cenário subjetivo-comunicacional representa aspectos que normalmente são pouco analisados no sujeito do turismo; aliás, o sujeito do turismo parece ser visto sempre como 'um grupo', contrapondo a ideia de que o sujeito é singular. Neste sentido, vejo que a Comunicação precisa avançar para poder contribuir de forma mais efetiva com essa valorização. Ainda que haja uma separação de ofertas turísticas por segmentos, não há a percepção de que somos sujeitos, sim, constituídos no coletivo, mas singulares em nossas ações e criações. Transversalizados por diversas realidades, com histórias de vida e desejos para serem satisfeitos de formas diferentes, numa visão próxima ao que a Esquizoanálise propõe. Assim, mesmo que pertençamos a um grupo de sujeitos que admirem uma mesma coisa, sejamos criados pela mesma família, essas transversalidades nos fazem agir de formas diferentes uns dos outros, tomar decisões diferentes. Está aqui algo para ser valorizado: a nossa singularidade. Singularidade, não individualidade. Proponho, com essa expressão, uma exaltação de respeito às pessoas que somos e nos tornamos. Apenas isso. Respeito e compreensão.

Mas aqui também mora um desafio... Se já é difícil exercer o respeito e a compreensão pessoalmente, dado as condições todas que nós, seres humanos, temos que lidar todo dia, quem dirá na comunicação, que mesmo na era de uma tecnologia que tende a hipersegmentação, está muitas vezes distante dos sujeitos... Porém, está aí, não há volta. Ainda assim, há que se considerar os meios de divulgação com um grande número de 'seguidores', que produzem a mesma mensagem para pessoas com interesses específicos, mas unidas pelo fio narrativo do 'grande emissor'. Neste sentido, a relação que há entre a Comunicação, a

Subjetividade e o Turismo se distribui na rede complexa das micropolíticas, que reverberam em um ambiente macro, no equipamento coletivo.

Acredito que pensar o sujeito como um *ser* complexo e singular é um desafio para as novas pesquisas, e também para a própria demanda turística. Com isso, entendo que, dentro de alguns anos, o mundo como um todo passará por uma transformação significativa, de forma que a oferta massiva não fará sentido: o turista vai querer produzir seu próprio ‘pacote’, de uma maneira ainda mais pessoal e direta do que a experiência proporcionada por empresas como o Airbnb.

Essa segmentação talvez venha atender um novo perfil de turista e, quem sabe, ajude a descentralizar destinos turísticos hoje sobrecarregados. Ao mesmo tempo, cidades antes pouco visadas podem ganhar visibilidade através de um trabalho de divulgação personalizado.

Na perspectiva da amorosidade e de uma ética planetária, conforme discute Morin e Kern (2005), é possível pensar o turismo como uma atividade que promove uma relação entre povos de vários lugares do planeta. No entanto, para que de fato aconteça uma “miscigenação”, é necessário, antes, que o Turista reflita sobre a sua própria viagem, seu próprio aprendizado, se sensibilize com o aprendizado que pode vir com o outro. Neste sentido, as atividades turísticas precisam ser pensadas e guiadas de forma que conduzam o turista para esse aprendizado. No caso da Caminhada Noturna, por exemplo, o turista é guiado o tempo todo para um local que reflete acolhimento. Em determinado momento, quando ele precisa se virar sozinho, são as suas referências que o orientam: a trama subjetiva-comunicacional. O momento pode ser desafiador, mas ao concluir a missão, ele retorna novamente ao ambiente do bem-receber, acompanhado de um delicioso jantar. Essa atmosfera de acolhimento permite que o sujeito estabeleça relações também de amorosidade com as pessoas. Afinal, quem não gosta de um colo quando está com medo? Um abraço, aliviado, após ter enfrentado uma situação difícil? Assim, entendo que as relações vão se formando entre as pessoas, e entre Criúva. Sem dúvida, quando eu penso no que vivi ali, é sempre com um sentimento de alegria, de acolhimento, que me faz querer voltar: um lugar onde me sinto, de alguma forma, em casa. Defendo que essa sensação de acolhimento e cuidado seja trabalhada no Turismo como um todo.

Em relação ao objetivo dois, que visa **discutir os conceitos de desterritorialização em sua transversalidade com o Turismo**, acredito que vá na linha da discussão anterior. A partir do momento que conseguimos entender

algumas fragilidades dos sujeitos do turismo, é possível propor soluções mais adequadas a eles. Vejo que a discussão pode contribuir para um turismo abordado em suas especificidades, em coerência com autores que integram a fase de transição do turismo de teorias sistemáticas para Novas Abordagens.

O objetivo três tinha como proposta **caracterizar o grupo de sujeitos envolvidos com a pesquisa**. A Caminhada Noturna da Casa Verde-Criúva Operadora funcionou, basicamente, como um minilaboratório. Ali, eu podia observar os sujeitos em campo, em uma atividade real, que já existia antes da minha pesquisa, preservando o máximo de naturalidade que os sujeitos podiam ter.

Sobre o objetivo número quatro, que era **identificar os sinalizadores subjetivos e comunicacionais no processo de desterritorialização de um grupo de sujeitos**, acredito que dê subsídios suficientes para pensar esse sujeito do turismo singular, em deslocamento. Assim, as ações comunicacionais, por exemplo, podem ser pensadas a partir desses três momentos: O desafio da chegada; o medo de se perder e o reconhecimento do local.

Por fim, quero dizer que, para que o Turismo seja, de fato, transformador, é preciso olhar para todos os sujeitos ao mesmo tempo, sem distinção e separação. O desafio, neste sentido, é entender que cada pessoa envolvida no processo tem um papel fundamental para que a experiência do Turista seja melhor. Aqui, não acionamos apenas o profissional. Acionamos também o cidadão.

Não pretendo afirmar que o Turismo proposto pela Criúva Operadora é a salvação do mundo, ou que ele possa ser replicado sem erros em qualquer lugar. O trabalho é sobre a experiência, no que ela nos conta sobre uma atitude de viagem no escuro, que, de resto, parece ser uma bela metáfora para o turismo e quem sabe para a vida. No mais, o que sei é que, vi ali, um exemplo de experiência de um grupo de sujeitos que se depararam com o processo de desterritorialização, com todo o medo e aventura que lhe são inerentes, e que puderam viver isso em sintonia com processos de hospitalidade e acolhimento, o que reflete numa melhor experiência para o turista e a atividade como um todo. Na lógica da micropolítica, isso já é demais.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHRNHOLD, Marcos; SILVA, Yolanda Flores e. Turismo comunitário rural inclusivo como responsabilidade ética e moral da sociedade. In: SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino de (Org.). **Turismo e Prática no Espaço Rural**. Barueri, SP: Manole, 2010. p. 109 – 123.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Caosmose e Turismo**: Desafios para a Construção da Trama das Trilhas Metodológicas. 2014c Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/sumario.php?versao=11.2014c>. XI ANPTUR. Acesso em: 25 de abril de 2017.

_____. Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Revista Rosa dos Ventos**, jul-set 2014b.

_____. **Comunicação trama de desejos e espelhos**: os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação do sindicato. Canoas: Ed. da ULBRA, 1996.

_____. CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – ALAIC. 6., São Paulo. **Comunicação, amorosidade e autopoiese**. São Paulo: Angellara, p. 351-372. 2004.

_____. Emoção e desejo em processos de escrita rumo a uma educação autopoietica. **Novos Olhares**, n. 6, 2º semestre de 2000b.

_____. **ETC - ECOSISTEMAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS-SUBJETIVOS**: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica (projeto de pesquisa). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018 (cópia).

_____. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional**: um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. 2000a. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000a.

_____. **Psicomunicação e a Trama de Subjetividades**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 22., 1999. Rio de Janeiro, 1999.

_____. Quem é o Sujeito da Comunicação? A proposição de sujeito-trama, como campo caosmótico, e suas imbricações complexas, em tempos de internacionalização. In: 37º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Foz do Iguaçu, PR, Brasil. 2014a. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2233-2.pdf>. Acesso em: 05 de mar. 2017.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos Meios às Mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1987.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e Hegemonia**. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2000. (Publicação Original: 1977).

BARRETO, Margarita **Manual de Iniciação ao estudo do Turismo**. Campinas: Papyrus, 2014.

_____. Relações entre Visitantes e Visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 133-149, novembro, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rta/issue/view/5169/showToc>. Acesso em: 01 de mai. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BENI, Mário Carlos. Um outro turismo é possível? - A recriação de uma nova ética. In: MOESCH, Marutschka Martini; GASTAL, Susana (Orgs). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 11-24.

BIT. Disponível em: <http://bit.ly/turismoemexcesso>. Acesso em: 18 de ago. 2018a.

_____. Disponível em: <http://bit.ly/contraelturismo>. Acesso em: 18 de ago. 2018b.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru: Edusc, 2003.

CAMARGO, Leitão Haroldo. **Uma pré-história do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)**. São Paulo: Aleph, 2007.

CAMINHO DE SANTIAGO. Disponível em: <http://www.caminhodesantiago.com.br/hist.htm>. Acesso em: 01 de set. 2018.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

CAXIAS DO SUL. Prefeitura. **Subprefeitura, Criúva**. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/gestao/subprefeituras/criuva>. Acesso em: 22 de abr. de 2018.

CONTE, Cláudia Heloiza. O turismo de Foz do Iguaçu (Paraná, Brasil) e sua inserção dentro da rede internacional de cidades. **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 6, n. 2, p. 408-423, abril de 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/download/29459/20356>. Acesso em: 19 de ago. 2018.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **O mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CRIUVA. Disponível em: <http://www.criuvacasaverde.tur.br/quem-somos.php>. Acesso em: 11 de ago. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34. 1995. Vol. 1.

_____; _____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34. 1997. Vol. 5.

_____; _____. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1 (1972)**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

DIÁRIO DO TURISMO. **Grupo Cataratas recebe prêmio por sua gestão ambiental (2017)**. Disponível em: <https://diariodoturismo.com.br/grupo-cataratas-gestao-ambiental/>. Acesso em: 19 de ago. 2018.

DICIO. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/interior/>. Acesso em: 12 de ago. 2018.

ESCOBAR C, Manuel Roberto. Cuerpo y subjetividad en Latinoamérica: resistencia a la cultura somática del capitalismo. **Nómadas**, Bogotá , n. 43, p. 185-199, Julho, 2015 . Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-75502015000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 de abr. 2018.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós Modernismo**. São Paulo. Studio Nobel, 1995.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, Wilson Corrêa Júnior. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Atlas, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASTAL, Susana de Araújo. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

_____; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Turismo na Pós-Modernidade: (Des)Inquietações**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GOMES, Neusa Demartini. **Publicidade: Comunicação Persuasiva**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

GONÇALVES Silveira, Francisco Eduardo; BARRETTO, Margarita. Turismo de transformación. Ecoturismo en reservas de la biosfera dentro del marco de la economía de la experiencia. **Estudios y perspectivas en turismo**, 2010, v.19, n. 2, p. 315-329. Disponível em: <http://www.estudiosenturismo.com.ar/>. Acesso em: 07 set. 2018.

GONÇALVES, Tosta Múcio; PAIVA, Newton. Espaço rural em transformação: um lugar de (qual) memória? **MNEME – Revista de Humanidades**. v. 5, n. 10, abr./jun. de 2004 – Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/issue/view/29>. Acesso em: 12 de ago. 2018.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **Revolução Molecular: Pulsações Políticas do Desejo**. 3. ed. [S.I]: Brasiliense, 1981.

_____; DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34. 1996. Vol. 3.

_____; _____. **Revolução Molecular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981

GUEDES, André Dumans. Lutas por terra e território, desterritorialização e território como forma social. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos**, Recife, V.18, N.1, p.23-39, JAN.-ABR. 2016. Disponível em: <http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/issue/view/120>. Acesso em: 15 de abr. 2018.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **O novo imperialismo**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan. **Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

LEONI, Carlos. **Jammo in Cantina? C que Sabe! A Italianidade na Gastronomia Paulistana: Marcas de Hospitalidade e Amorosidade**. 2017. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Caxias do Sul, 2017.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Tradução: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2000.

LICKORISH, Leonard J.; JENKINS, Carson L. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação**: contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

MATO, D. **Redes**. Importancia de los referentes territoriales en procesos transnacionales. Una crítica de la idea de "desterritorialización" basada en estudios de casos *Estudios de Sociología*, Araraquara, v. 12, n. 23, p. 35-63, 2007.

MATURANA, Humberto Romesín. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____; VARELA, Francisco J. Garcia. **De máquinas e seres vivos**: autopoiese, a organização do vivo. Trad. Juan Acuña Llorens. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed. 1997.

MELO, Camila Carvalho de. **Transformações da Publicidade Contemporânea, marcas de amorosidade e novas relações de consumo**. 2014. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda). Universidade de Caxias do Sul, Centro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, 2014.

MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman; (Orgs.). **Ecoturismo no Brasil**. Barueri, Manole, 2005.

MOESCH, Marutschka; BENI, Mário Carlos. Do discurso sobre a ciência do turismo para a ciência do turismo. **Anais...** SEMINÁRIO DA ANPTUR. 2015. Disponível em: http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.11/DFP1_pdf/48.pdf. Acesso em: 25 de abri. 2017.

_____; GASTAL, Susana de Araújo. CONGRESSO INTERNACIONAL DE TURISMO REDE MERCOCIDADES 4., 2002, Porto Alegre. **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

MOESCH, Marutska Martini. **Epistemologia Social do Turismo**. 2004. 504f. Tese (Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. (Disponibilizada pela autora via e-mail).

MOLINA, Sérgio. Pós Turismo: novas tecnologias e novos comportamentos sociais. In: MOESCH, Marutschka Martini; GASTAL, Susana (Orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 11-24.

_____. **Turismo Creativo**: el fin de la competitividad. Santiago, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Ciência com Consciência**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____; KERN, Ane Brigitte. **Terra-Pátria**. Tradução: Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

OHAYON, Joseph. **CROSSROADS**: Labor Pains of a New Worldview (2012).. Recurso digital. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5n1p9P5ee3c>. Acesso em: 18 de ago. 2018.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo**: teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

PINA, José Hermano Almeida; LIMA, Oscar Almeida de; SILVA, Vicente de Paulo da. **Campo-território**: revista de geografia agrária. Município e Distrito: um estudo teórico. v. 3, n. 6, p. 125-142, ago 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/viewFile/11851/6937>. Acesso em: 10 de jul. 2018.

PIRES, M.J. **Raízes do Turismo no Brasil**. São Paulo: Manole, 2002.

POPCORN, Faith. **O relatório Popcorn**: centenas de ideias novos produtos, empreendimentos e novos mercados. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

PORTAL. Disponível em: <http://portal.eusoufamecos.net/a-importancia-da-comunicacao-no-desenvolvimento-turistico-estudo-de-caso-municipio-de-rio-grande-rs/>. Acesso: 21 de abr. 2018.

PRADO, Janice Juliano Prado. **A Importância da Comunicação no Desenvolvimento Turístico Estudo de Caso: Município de Rio Grande / RS**. INTERCOM, 2005. Disponível em: <http://portal.eusoufamecos.net/a-importancia-da->

comunicacao-no-desenvolvimento-turistico-estudo-de-caso-municipio-de-rio-grande-rs/. Acesso em: 12 de abr. 2018.

RECTOR, Mônica. **A fala dos jovens**. Petrópolis: Vozes, 1994.

RIBEIRO, Carlos Reinaldo Mendes. **Você é socialista**: ainda que não saiba. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

ROLNIK, Suely: **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

RUSCHMANN, Doris. Comunicação e Turismo. INTERCOM – Rev. Brasileira de Comunicação. Ano XIV, nº 65, pág. 30-37, jul/dez1991. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/1322/1271> .Acesso em: 13 de jul. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. **Produzir para viver**: os caminhos da produção capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (Org.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2001.

SOARES, Fabio Montalvão. A produção de subjetividades no contexto do capitalismo contemporâneo: Guattari e Negri. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 118-126, 2016 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922016000100118&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 de abr. 2018.

SOARES, Jakson Renner Rodrigues; CASTRO GABRIEL, Larissa Paola Macedo; FERNÁNDEZ, María Dolores Sánchez. **A influência das fontes de informação na escolha dos turistas acadêmicos**: o caso de Santiago de Compostela. 2017. Disponível em: < https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/72121/1/Investigaciones-Turisticas_14_07.pdf >. Acesso em: 07 de set. 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A viagem** – caminho da experiência. São Paulo: Aleph, 2013.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: SESC, 1996.

VIVAR, Rodrigo Diaz de; KAWAHALA, Soler e Edelu. A potência de viver: Deleuze e a arte. **Psicol. Soc.** [online]. 2017, vol. 29 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100223&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 nov. 2017.

YOUTUBE. **Novas Territorialidades – Rogério Haesbaerth da Costa**. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=FyH5mOVuVs8&list=PLkfiJ99QHSMsRurDERBm0sHEB47dLz0-d>. Acesso em: 06 de mai. 2018.